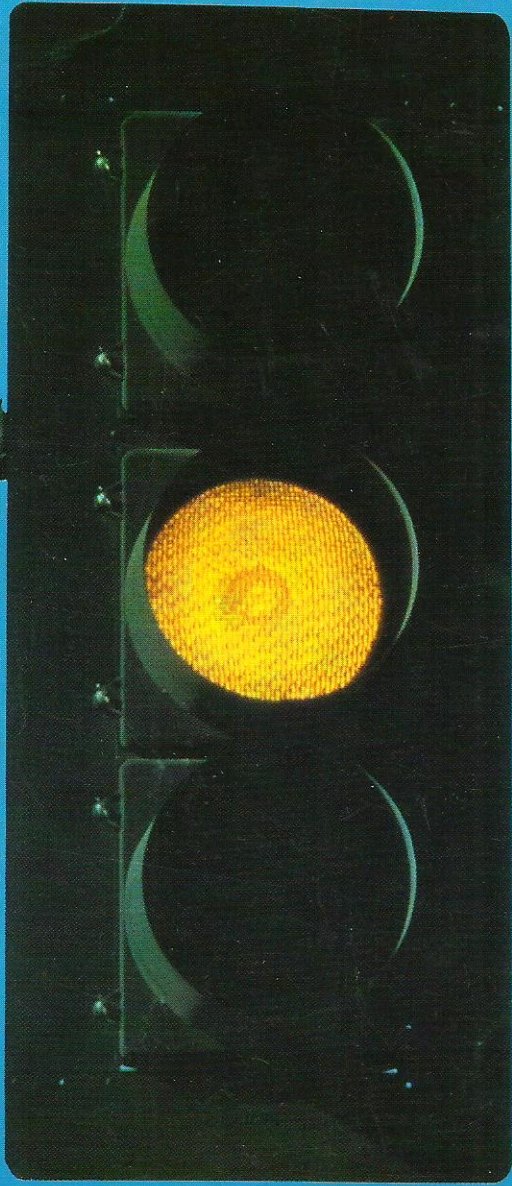


Revista
**GRÁCIO
MERKASSKY**

CELULOSE & PAPEL

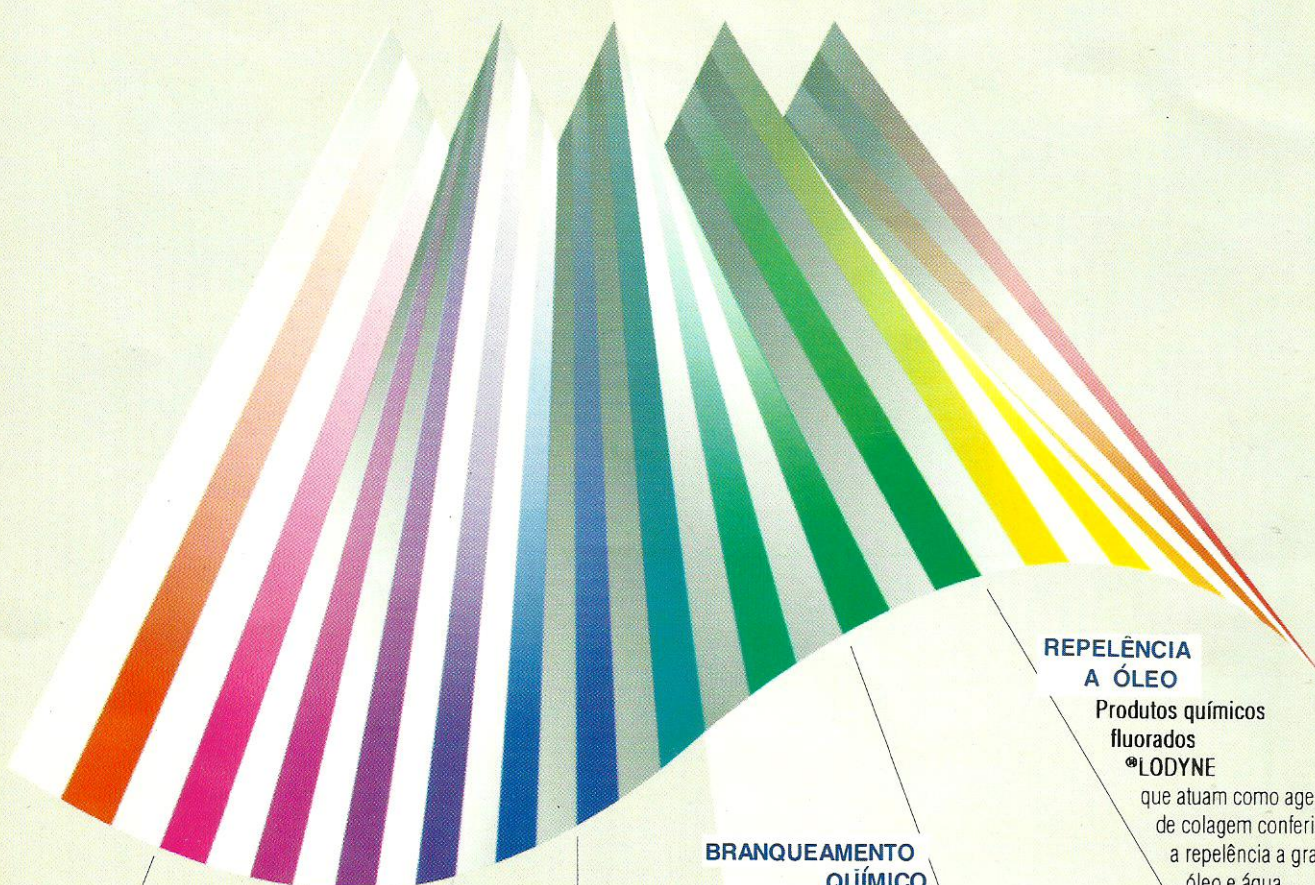
ANO IX - Nº 43 - 1993 - ISSN 0102-5279

9(43)



**SELO VERDE:
PASSAPORTE OU
BARREIRA ?**

from pulp to paper perfection



TINGIMENTO

Corantes Diretos ®PERGASOL

ideais para tingimento de papéis higiênicos (tissue), papéis para imprimir e escrever e papéis especiais.

Pigmentos

®IRGALITE

como matizadores para aumentar os níveis de brançura e para o tingimento de papéis decorativos e outros papéis com alta solidez à luz.

BRANQUEAMENTO ÓTICO

Branqueadores óticos

®TINOPAL

para aplicação na massa, na prensa de colagem e no couché a fim de alcançar o nível de brançura desejado

AUTOCOPIATIVOS/ TÉRMICOS

Compostos Cromogêneos

®PERGASCRIP

precursores de corantes para papéis autocopiativos químicos e papéis termosensíveis.

BRANQUEAMENTO QUÍMICO

Enzimas
™IRGAZYME para aumentar o branqueamento de celulose processo kraft de fibra curta e longa.

REPELÊNCIA A ÓLEO

Produtos químicos fluorados

®LODYNE

que atuam como agentes de colagem conferindo a repelência a graxa, óleo e água.

AUXILIARES DE PROCESSO

Enzimas

™PERGALASE

para aumentar a drenagem e a velocidade da máquina, evitando os problemas relacionados com a floculação

Contate a Ciba Brasil
Fax (011) 543-7252

ISO
9001

ciba



PUBLIC.: P-017377
CELULOSE & PAPEL 9(43) OUT. 1993

Movimento Orquestrado, NÃO!



Horácio Cherkassky

Uma extensa matéria recentemente publicada no diário alemão Die Zeit revelou-se altamente tendenciosa ao comentar os efeitos do eucalipto como base para a indústria florestal. Seu objetivo flagrante, amparado na confiabilidade do jornal, foi provocar um impacto negativo na opinião pública alemã e européia, estimulando campanhas como o selo ecológico e medidas protecionistas

num forte movimento que se revela orquestrado.

O artigo, com efeito, é dos mais tendenciosos, como sempre ocorre quando afloram os aspectos emocionais e mercadológicos, suas afirmações soaram falsas por falta de amparo técnico-científico.

Há premissas para o recrudescimento das barreiras protecionistas num momento em que os gestos de paz advindos do fim da guerra fria deveriam, ao contrário, consagrar um comércio mais intenso e livre entre os povos. Estamos assistindo os países emergentes serem fortalecidos em suas economias, que ganham maior vitalidade e expandem seu comércio, penetrando mercados promissores em função de suas vantagens competitivas. De outro lado, as nações industrializadas sentem-se frustradas, com suas economias debilitadas e o nível de emprego em declínio, resvalando para mais de 25 milhões de desempregados nas sete nações ricas. Ocorre que o fim da guerra fria está promovendo uma nova ordem econômica mundial, em que as nações em desenvolvimento estão cada vez mais integradas à economia planetária, numa competição cada vez mais acirrada com o mundo industrializado. Nesse novo sistema de comércio que se desenha, os países em desenvolvimento já ganharam 3% a mais do volume de comércio mundial. O reverso da medalha é o desempenho inferior das economias dos países industrializados em relação aos seus concorrentes, ensejando uma nova onda protecionista dessas nações em plena recessão.

Vale ressaltar o risco dessa reação política com a qual se pretende atingir o nosso setor de base florestal, sobretudo na Europa. O protecionismo sempre acaba em colapso econômico, como já mostrou a lição da Grande Depressão Mundial. Não vale a pena abortar o desenvolvimento das regiões emergentes para provocar uma nova depressão. Ao contrário, fica clara a lição de que mercados e comércio mais livres são a forma mais eficaz de provocar a reação da economia e combater o desemprego no mundo industrializado. Não era em vão que, há duzentos anos, Adam Smith pregava a complementariedade, com a aquisição de produtos em outras nações que fossem capazes de fabricá-los a preços menores que os seus.

Horácio Cherkassky é Presidente da ANFPC.

A revista **CELULOSE & PAPEL** é órgão oficial da ANFPC-Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose
Rua Afonso de Freitas, 499
Cep 04006-052 São Paulo - SP
Fone (011) 885-1845

DIRETOR RESPONSÁVEL
H. Horácio Cherkassky

CONSELHO EDITORIAL
Alberto Fabiano Pires
Alfred Freund

Dante Ramenzoni
Lenomir Trombini
Marcello L. Pilar
Osmar Zogbi
Ronaldo A. Guedes Pereira
Ruy Haidar

CONSELHO CONSULTIVO
GT 2 Divulgação

COORDENAÇÃO GERAL
Sandra Pegorelli



NÃO CONTAMINE
USE PAPEL

Celulose & Papel é produzida e editada pela Unipress Editorial ISSN 0102-5279

UNIPRESS EDITORIAL

DIRETORIA

Alaôr José Gomes
Reginaldo Finotti

DIRETOR DE REDAÇÃO
Reginaldo Finotti

EDITOR

Celso Lungaretti

REDAÇÃO

Ana Lúcia Ventorim
Sílvia Pimentel
Solange Vasconcellos

COLABORADORA

Mylene Santoro

DIAGRAMADOR

Francisco J. da Silva

FOTOS

Divulgação/Keila Marta Marques

PUBLICIDADE

José Cruz Filho

RELAÇÕES PÚBLICAS

Lina Carla Finotti

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE

Av. Paulista, 2006 - 11º andar - Conjs.
1103 a 1108 - Fone - (011) 285-6233
Telex - (11) 32183 - Fax (011) 285-3785
CEP 01310-926 - São Paulo - SP

FOTOLITOS: RJ

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA E IMPRESSÃO

Ipsis Gráfica e Editora S.A.

SELO VERDE PODE SER MAL USADO



Foto: Keystone

O conselho da Comunidade Européia quer utilizar o selo ecológico para favorecer comercialmente os papéis reciclados, enquanto no Brasil há uma disputa entre várias entidades ambientalistas pelo direito de certificar — e algumas delas visam atrapalhar empreendimentos viáveis. **20**

ARGENTINA REGRIDE AO PROTECIONISMO

A Argentina estabelece quotas de importação e invoca salvaguardas para deter a escalada brasileira no mercado de papel, infringindo os princípios que norteiam a constituição do Mercosul e causando uma elevação de preços que desagrada à indústria gráfica e pode afetar o plano de estabilização da economia do ministro Cavallo. **6**

HÁ MESMO UM GAP EM RECURSO HUMANOS?


Frequentemente são divulgados estudos sobre a precariedade dos recursos humanos brasileiros em confronto com os trabalhadores de países avançados, mas há quem discorde, alegando que aqui apenas não se registram adequadamente os esforços empreendidos na área de treinamento e que nossa mão-de-obra em nada destoa da do 1º mundo. **8**

CHERKASSKY, UM VICIADO EM TRABALHO

Diretor de empresas, associações e clubes, além de conselheiro de várias entidades, Horácio Cherkassky aceita a designação de workaholic, pois reconhece que sempre levou "uma vida agitada, fazendo muito mais do que o tempo permitia". Mas já tem planos para seu repouso de guerreiro, na fazenda que possui em Itupeva. **14**

E MAIS:

Expansão (Celpav)	11
PPI	27
Saúde (Sepaco)	30
Evento (Congresso Florestal)	31



A GRANDEZA DE UMA EMPRESA COMEÇA
QUANDO A QUALIDADE DOS SEUS PRODUTOS É
RESPEITADA EM TODAS AS PARTES DO MUNDO.

Com uma produção anual que já supera a casa de 1 milhão de toneladas, a Klabin situa-se hoje como a maior organização do setor na América Latina, estando classificada entre as 100 maiores empresas de celulose e papel do mundo. Suas atividades envolvem desde o reflorestamento até a fabricação de celulose de fibra curta e fibra longa, papéis para impressão e embalagens, papéis sanitários e a conversão de papéis em produtos higiênicos descartáveis, caixas de papelão ondulado, sacos multifoliados e envelopes. Os produtos Klabin são reconhecidos no país e no exterior por sua alta qualidade, resultado de contínuos programas de investimentos em pessoal, em novos equipamentos, pesquisas, desenvolvimento e pela preocupação constante em utilizar tecnologias avançadas não agressoras ao meio ambiente. Em suas atividades florestais, por exemplo, a Klabin mantém junto aos seus 195 mil hectares de reflorestamentos próprios, nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, 102 mil hectares de florestas nativas preservadas, onde são realizados programas educacionais e de proteção da flora e da fauna. Essa, entre outras iniciativas da Klabin, demonstra que é possível desenvolver atividades produtivas em harmonia com a natureza. E esta postura é fundamental para a qualidade.



Indústrias Klabin de Papel e Celulose SA

ARGENTINA INCIDE EM PRÁTICAS PROTECIONISTAS

Incapaz de competir com os fabricantes brasileiros de papel em regime de livre mercado, os industriais argentinos estão conseguindo que seu governo imponha quotas de importação e invoque salvaguardas, fugindo ao espírito de abertura dos portos que norteia a constituição do Mercosul.



Para Nilson Cardoso, da ANFPC, é descabido o tratamento que o governo argentino está dando ao Brasil — atingido igualmente pelas quotas de importação —, pois não leva em conta a parceria comercial estabelecida no âmbito do Mercosul

No confronto entre as importações autorizadas por ambos os países (a Cacex ainda não forneceu o quadro de importações efetivas), o Brasil deverá registrar significativa vantagem na sua balança comercial com a Argentina em 1992, no item papel: com exportações de 175.382 toneladas e importações de 2.257 t., nosso país teria um saldo de 173.125 t, implicando um superávit de US\$ 115,2 milhões.

Este desempenho terá sido ainda melhor que o de 1991, quando o Brasil obteve saldo de 109.730 t e US\$ 64,8 milhões (dados consolidados). E indica uma ruptura da tendência de quase equilíbrio que se verificava no período anterior: no acumulado de 1986 a 1990, por exemplo, o Brasil aparece com apenas 4.703 t e US\$ 14,2 milhões de saldo positivo.

Medidas protecionistas, entretanto, ameaçam deter artificialmente essa escalada brasileira no mercado argentino, contrariando os princípios que norteiam a constituição do Mercosul.

“A Argentina tem vocação para a produção de madeira e celulose, mas, um regime de livre mercado, não pode mais competir com o Brasil em papel”, garante o vice-presidente do Comércio Exterior da ANFPC, Nilson Mendes Cardoso. A diferença entre ambos os países, diz ele, está nos investimentos de US\$ 10 bilhões que o Brasil programou para o período 1985/1995, implicando ganhos de escala, produtividade e qualidade que deixaram bem para trás a indústria argentina.

Quando foram dados os primeiros passos para o Mercosul, com o estabelecimento das margens de preferência e o desgravamento, o mercado argentino se tornou interessante para os exportadores brasileiros — afinal, lembra Nilson Cardoso, lá os preços estavam inflados pelo protecionismo (tarifas aduaneiras elevadas e dificuldades para importação).

Mas os brasileiros não foram os únicos a se voltarem para esse filão, que atraiu igualmente exportadores dos países escandinavos, África do Sul e EUA. O aumento da oferta fez com que os preços

locais se aproximassem dos internacionais. “Como muitas indústrias argentinas ainda estão num patamar tecnológico precário, quando os preços alinharam-se com os níveis internacionais, elas não puderam acompanhar. Daí decorreu a ociosidade nas indústrias argentinas menos competitivas”, avalia o vice de Comércio Exterior da ANFPC.

Retrocesso

As pressões dos fabricantes levaram à adoção de sucessivas medidas de conteúdo regressivo, visando diminuir a exposição do mercado argentino à concorrência externa. Assim, em 1992, todos os exportadores brasileiros de cartão de embalagem foram acusados de dumping (rebaixamento excessivo e coordenado dos preços para quebrar as indústrias locais). O governo argentino estabeleceu direito compensatório de 18% sobre o cartão procedente do Brasil até que se defina a questão e os exportadores brasileiros prestaram todas as informações

BALANÇA COMERCIAL DE CELULOSE E PAPEL BRASIL X ARGENTINA

Celulose	Export. Brasileira para Argentina		Import. Brasileira da Argentina		Saldo da Balança	
	US\$1000		US\$1000			
Período	em t.	FOB	em t.	FOB	em t.	US\$
1986	36077	11296	12194	5703	23883	5593
1987	20525	8497	12090	6796	8435	1701
1988	19452	9162	18070	13274	1382	4112
1989	10895	6140	19343	15911	-8448	-9771
1990(*)	5928	2136	13408	9279	-7480	-7143
1991	19349	6848	14332	5390	5017	1458
1992(**)	16857	6534	4650	2448	12207	4086

Papel	Export. Brasileira para Argentina		Import. Brasileira da Argentina		Saldo da Balança	
	US\$1000		US\$1000		US\$1000	
Período	em t.	FOB	em t.	FOB	em t.	US\$
1986	10354	7948	2551	919	7803	7029
1987	19959	14035	2257	1134	17702	12901
1988	21175	15565	6068	3761	15107	11804
1989	8533	10126	30336	15797	-21803	-5671
1990(*)	14459	15335	28565	27227	-14106	-11892
1991	113848	77165	4118	12328	109730	64837
1992(**)	175382	121407	2257	6155	173125	115252

(*) Importações efetivas jan-nov - (**) Importações autorizadas

Fonte: CACEX/CTIC

devidas, tendo entregue sua argumentação final em agosto. A decisão argentina deverá sair em outubro, esperando-se que, com a evidência de que não houve dumping, seja restabelecida a situação anterior.

Em julho último, os argentinos invocaram cláusula de salvaguarda para kraftliner. "Eles mandaram planilha com os danos alegados, nós entramos com a contra-argumentação de que o crescimento das exportações brasileiras não foi tão significativo e estava sendo superestimado. Houve uma reunião dos negociadores dos dois países em Buenos Aires e estamos aguardando a decisão também para este caso", relata Nilson Cardoso.

A medida mais drástica, entretanto, foi a tomada um mês antes, em junho, quando os argentinos baixaram a resolução 684, estabelecendo quotas de importação para todos os países e de vários produtos. Nada menos que seis se referem a exportações

de papel brasileiras: papel de imprimir e escrever; artefatos de papel; papel couchê; papéis impermeáveis; papel-base para carbono; e papel supercalandrado.

Segundo o vice da ANFPC, "essa medida levou em consideração volumes muito

inferiores às importações argentinas de 1992 e teve o agravante de que o governo argentino não informou como vão ser controladas tais quotas, desestimulando os exportadores, que correm o risco de ver sua carga barrada na alfândega".

Ele destaca o esforço que está sendo feito pelo governo e empresariado brasileiro, no sentido de sensibilizar o governo argentino a levar em conta o fato de que somos parceiros comerciais no Mercosul, não cabendo um tratamento idêntico ao dado a exportadores de outras regiões. "O assunto deveria ser tratado através das cláusulas de salvaguarda e das negociações, e não por meio de uma medida radical como essa", assinala. Segundo ele, em 1992 a Argentina absorveu 11,2% das exportações globais de papel brasileiro e, no primeiro semestre de 1993, este índice já caiu para 9,9%.

Além dessas gestões, a esperança de uma reversão do quadro se fundamenta num fator de ordem política. Os fabricantes de papel estão fortemente representados no Congresso argentino, o que repercutiu na edição da resolução 684, exatamente no período que antecedeu as eleições de outubro. Essa redução artificial da oferta, entretanto, levou à disparada dos preços do papel no mercado interno, o que pode favorecer uma volta ao livre mercado no período pós eleitoral; a imprensa argentina registra que o ministro Cavallo já está pensando em rever as quotas para evitar que essa elevação de preços comprometa o programa de estabilização da economia.

ITAMARATY AGE

"Estamos agindo desde 1991, quando se ensaiaram as primeiras medidas contra o papel brasileiro. Foi graças aos esforços do Itamaraty que a concretização dessas medidas foi adiada por mais de um ano", garante o sub-secretário geral de Assuntos de Integração, Econômicos e de Comércio Exterior do Ministério de Relações Exteriores, embaixador Rubens Antonio Barbosa.

Na avaliação do Itamaraty, diz ele, o acordo geral para a formação do Mercosul é positivo e atritos localizados fazem

parte do processo. "Como o setor de celulose e papel é muito moderno e competitivo, continua exportando para a Argentina, apesar das restrições."

Rubens Barbosa acredita que a atuação do Ministério das Relações Exteriores, "agindo coordenadamente com a iniciativa privada", terá resultados práticos, mesmo porque vem sendo apoiada pela indústria gráfica argentina: a imposição de quotas de importação encareceu a tal ponto o papel no mercado interno que está afetando os interesses desse setor.

FALTA TREINAMENTO NAS INDÚSTRIAS BRASILEIRAS

O Brasil está muito abaixo da média mundial e este seria o principal empecilho para o êxito na implantação de processos de qualidade e produtividade. O pior é que a qualificação da mão-de-obra exige esforço contínuo e os resultados podem demorar vários anos...

A precariedade dos recursos humanos condenará o Brasil a um papel secundário também na terceira onda?

Esta dúvida é repisada por economistas, consultores e órgãos de comunicação, desde que a mão-de-obra barata e despreparada passou a ser tida como um empecilho e não um trunfo na luta pela competitividade. E dados bombásticos são constantemente veiculados, como o de que nem 10% dos trabalhadores brasileiros estariam aptos a desempenhar suas funções em países do 1º mundo.

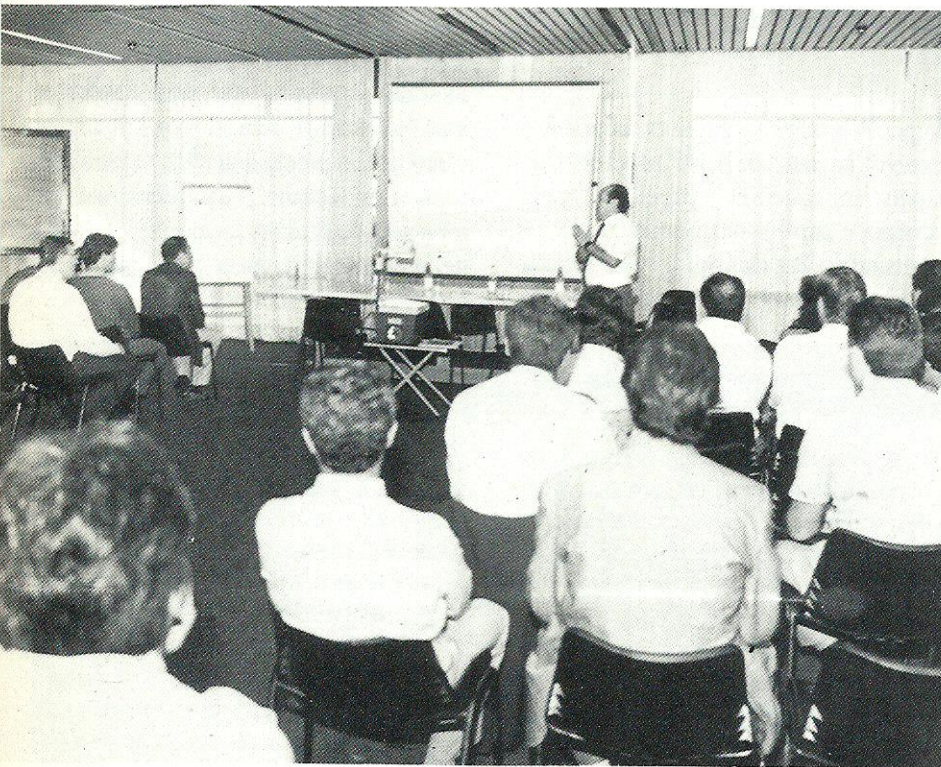
A pouca qualificação de nossos recursos humanos só não se evidencia mais por causa da prolongada recessão que o País atravessa. O desemprego existente acaba sendo atribuído apenas à queda da ativida-

de econômica, passando despercebida a falta de mão-de-obra habilitada para ocupar postos oferecidos no mercado de trabalho. Entretanto, recentemente a Secretaria das Relações do Trabalho do Estado de São Paulo divulgou um balanço de quatro meses de atuação, durante os quais seus serviços foram procurados por 60 mil desempregados; das 10 mil vagas oferecidas por empresas, pouco mais de 4 mil acabaram preenchidas. "O restante não estava qualificado para o cargo", revelou o secretário do Trabalho, Milton Casquel Monti.

É um claro indicador de que os avanços no processo produtivo não estão sendo acompanhados pelos recursos humanos, gerando uma nova modalidade de desemprego que, por enquanto, quase não é notada, mas vai causar graves problemas cada vez mais difícil para o trabalhador desqualificado voltar a trabalhar", garante o presidente da Associação Brasileira da Indústria do Plástico, Celso Hahne. E o ministro do Trabalho, Walter Barelli, confessou que "o desempregado desqualificado é uma preocupação".

DEDICAÇÃO MÍNIMA

Um melhor dimensionamento do problema foi possibilitado pela pesquisa sobre o desempenho da indústria brasileira que a Imam Consultoria realizou no primeiro semestre, envolvendo 950 empresas "de praticamente todos os setores, incluindo multinacionais e estatais de vários locais do Brasil". Na apresentação do trabalho, o diretor da Imam, Reinaldo Moura, destacou: "O item pesquisado mais surpreendente foi a total falta de treinamento em várias empresas. Em algumas, inclusive, apontou-se que a dedicação ao treinamento foi mínima, fator considerado, por muito dos entrevistados, como a principal causa a impedir e a dificultar a implantação de



Há empresas e setores que constituem ilhas de excelência no País, mantendo treinamento em nível de 1º Mundo, mas a média global cai mesmo para patamares ridículos, ficando abaixo de 1% das horas trabalhadas.

processos de qualidade e produtividade”.

Assim, no Brasil de 1993, segundo esta pesquisa, cada trabalhador de indústria dedica menos de 1% de suas horas/ano trabalhadas a treinamento, enquanto a média mundial (Europa e EUA) é de 5% a 7%; e a média japonesa, de 10%.

O diretor industrial de Louças Sanitárias da Duratex, Carlos Nobre, diz que não é bem assim: “No Brasil nós ainda não adquirimos o hábito de contabilizar tudo que fazemos como treinamento. Ficam de fora, por exemplo, as palestras menos formais e até a transmissão de conhecimentos técnicos no ambiente de trabalho. Se tudo isto fosse relacionado direitinho, não haveria essa diferença tão grande entre nós e eles”.

NÍVEIS RIDÍCULOS

Reinaldo Moura admite que há empresas, como a própria Duratex, que são ilhas de excelência. “Mas a média cai mesmo para níveis ridículos”, assegura.

Ele desmente, também, a velha tese de que a mão-de-obra despreparada do passado fosse barata para as empresas: “Ledo engano. O salário realmente era barato, mas, somado aos encargos sociais, o custo da mão-de-obra se tornava caro. E, comparado à produtividade, um dos mais caros do mundo”.

Lembra, neste sentido, uma pesquisa do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, segundo a qual no Japão um operário (mão-de-obra total dividida pela produção total) levava 16 horas para fazer um carro; na Europa, 24 horas; nos EUA, 32 horas; e no Brasil, a enormidade de 48 horas.

E sua avaliação do quadro atual é pouco otimista: menos de 5% das empresas brasileiras, diz ele, estão se modernizando. O gap em treinamento, acrescenta, será um dos mais difíceis a se tirar: “Não nos preparamos para a exposição à competitividade, agora temos de sair lutando para compensar”.

O EXEMPLO COREANO

Como realizar tal façanha? Sua opinião é de que o treinamento “tem de ser responsabilidade das empresas, como na Coréia”, ministrado por elas próprias e não por



Reinaldo Moura: gap difícil de tirar.

escolas mantidas por entidades de classe. Mas isto, por enquanto, esbarra nas lacunas culturais do empresariado brasileiro. Assim, de acordo com a mentalidade do nosso patronato, nas fases aquecidas da economia o funcionário não pode parar para ser treinado; e na recessão, com os cortes e contenção de despesas, nem pensar...

Muitos empresários temem, ainda, que

depois de investir no treinamento, o funcionário deixe a empresa e leve para a concorrência o conhecimento adquirido.

Finalmente, um problema que agora vai se patenteando é a falta de formação básica dos funcionários, dificultando o aprendizado de técnicas modernas, como o Controle Estatístico do Processo. “Raras empresas mantêm programas de alfabetização de adultos”, assinala Reinaldo Moura. “Muitas começaram mas logo desistiram. Faltou motivação para os funcionários e as empresas não se compenetraram de que era importante para elas criar condições para o sucesso desses programas.”

O que fazer, agora? Em primeiro lugar, ele lembra que a mudança de paradigmas tem de começar pela gerência, à qual cabe dar exemplos e obter o comprometimento da supervisão, até chegar ao piso de fábrica. E as empresas devem levar em conta que uma melhor qualificação da mão-de-obra não se obtém da noite para o dia, podendo levar até dois anos para formação básica e outros três anos para o ensino de técnicas. “E precisa ser um esforço contínuo. Não adianta nada um cursinho de três dias e só. É como querer descontar toda a palidez com um só banho de sol: passando horas seguidas na praia, o que se vai conseguir é queimadura e uma dorzinha por 15 dias...”

TREINAMENTO

(horas/empregado/ano)

Não responderam	20%
0	16%
0,5 a 10	22%
11 a 20	13%
24 a 50	13%
60 a 100	10%
Mais de 100	6%

Fonte: Imam Consultoria

O treinamento é mínimo em 22% das empresas e totalmente desprezado por 16% delas.

“NADA DEVEMOS AO RESTO DO MUNDO”, GARANTE TOBERA.

O presidente da ABTCP afirma que a maioria dos trabalhadores do setor de celulose e papel teria emprego assegurado no 1º Mundo e lembra que o Brasil iniciou mundialmente a fabricação de papel de fibra curta.

Entre as ilhas de excelência da indústria brasileira está um setor que Reinaldo Moura qualifica de “privilegiado”: o de celulose e papel, “um dos poucos competitivos, pelo menos até a queda dos preços internacionais”. Com esta avaliação concorda o presidente da Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel (ABTCP), Ricardo Casemiro Tobera, que garante: “Não devemos nada ao resto do mundo, tanto que fomos o primeiro país a fabricar papel de fibra curta e conseguimos afirmá-lo no mercado internacional”.

Para ele, “a grande maioria dos trabalhadores do setor teria emprego assegurado lá fora”. Faz, entretanto, uma observação: “Não se pode descuidar do acompanhamento dos avanços tecnológicos. Temos de ficar sempre atentos, procurando novas formas, novas técnicas e novos aprendizados”.

O presidente da ABTCP lembra que países como o Chile, Espanha, Portugal e Indonésia já começam a nos ameaçar e, “em alguns anos, poderemos perder as

vantagens comparativas em florestas de que desfrutamos atualmente, daí a necessidade de obtermos cada vez mais produtividade e competitividade”.

Alguns trabalhos desenvolvidos na área de treinamento, segundo Ricardo Tobera, são os cursos de especialização em tecnologia de papel e de celulose, mediante convênio entre a ANFPC, a APFPC, a ABTCP e a USP (representada pelo Departamento de Engenharia Química da Escola Politécnica). Em papel, já foram formados 77 engenheiros, em três turmas, e agora está começando a quarta, com 21 integrantes; e, em celulose, com a conclusão por estes dias da terceira turma, o número de formados totalizará 50.

Além disto, o curso de tecnologia em celulose da Abecel (Associação Brasileira dos Exportadores de Celulose) já formou 17 pessoas (duas turmas) e se está pretendendo que a terceira turma, em 1994, seja de âmbito latino-americano, com o apoio da OEA. E na Faculdade Osvaldo Cruz é mantido um curso para pessoas que atuam no setor mas não estão envolvidas



Tobera: “Não podemos nos acomodar”

diretamente com o processo de fabricação; em sete turmas foram formadas aproximadamente 265 pessoas. Finalmente, a ABTCP já realizou 587 eventos (cursos com duração de um a quatro dias), pelos quais passaram 20.823 pessoas, além das 1.448 que constituíram o corpo docente.

O ideal para o setor, segundo estudos da ABTCP, é ter na segunda metade da década, a seguinte distribuição da mão-de-obra: universitários, 12%; técnicos, 19%; qualificados, 44%; e semi-qualificados, 25%. Isto está implicando o treinamento de aproximadamente 10% dos funcionários das indústrias de celulose e papel, para atender à demanda tecnológica e fornecer os recursos humanos necessários aos novos projetos. Trata-se de um “grande desafio” que, segundo Ricardo Tobera, está sendo vencido pelas empresas e a ABTCP.

CONVÊNIO COM A USP

Um de seus maiores motivos de orgulho é a viabilização do convênio com a USP, muito elogiado dentro do setor. O gerente de Materiais da Cia. Industrial de Papel Pirahy, João Carlos Tavernard dos Santos, é um dos entusiastas dessa iniciativa: “O convênio tem sido muito importante para nós, que já mandamos 11 pessoas para o curso de papel. Nossa postura é escolher engenheiros com bastante experiência, para complementarem seus conhecimentos, e percebemos que eles trazem depois um bom retorno para a empresa”.

Segundo Tavernard, muitas vezes esses engenheiros vão procurar nas apostilas do curso a resposta para os problemas do dia-a-dia, “e sempre encontram”. Sua participação, por isto, passou a ser mais destacada nas reuniões e na discussão de novas técnicas a serem implantadas.

CELPV: FLEXIBILIDADE DE ATENDIMENTO COM ESCALA DE PRODUÇÃO

Duas máquinas de papel integradas à fábrica de celulose são inauguradas simultaneamente, exibindo um conceito onde flexibilidade de atendimento e escala de produção convivem visando o melhor atendimento do mercado.



A data de 20 de agosto de 1993 marca a inauguração oficial da mais nova unidade industrial integrada de celulose e papel do País, pertencente à Companhia Votorantim de Celulose e Papel - Celpav, localizada no município de Luís Antônio, região de Ribeirão Preto (SP).

Resultado de um projeto iniciado em 1988, que apesar das incertezas da economia brasileira progrediu ininter-

ruptamente, a nova fábrica tem como grande diferencial o fato de possuir duas máquinas de papel, ambas com a mais moderna tecnologia disponível.

Com essa nova unidade, a Celpav passa a constituir-se em um dos maiores fabricantes de papel para imprimir e escrever do Brasil, com capacidade de produção de 260.000 toneladas por ano de celulose e 280.000 toneladas de papel.

Para suprir a fábrica, a Celpav conta com uma área florestal de 50.000 hectares de eucaliptos na região, com uma das menores distâncias da unidade industrial a nível mundial: o raio médio é de apenas 70 quilômetros. Da área total, 40.000 hectares são reflorestamento de eucalipto, e 10.000 hectares são áreas de matas nativas, recuperadas por repovoamentos florestais feitos pela empresa.

O terreno em que está a fábrica tem 750.000 metros quadrados, e a área construída alcança 93.000 metros quadrados. Os investimentos atingiram 700 milhões de dólares, para a parte industrial, excluída a parte florestal. Os empregos gerados são 3.000, sendo 1.800 na parte florestal e 1.200 na parte industrial.

Área florestal

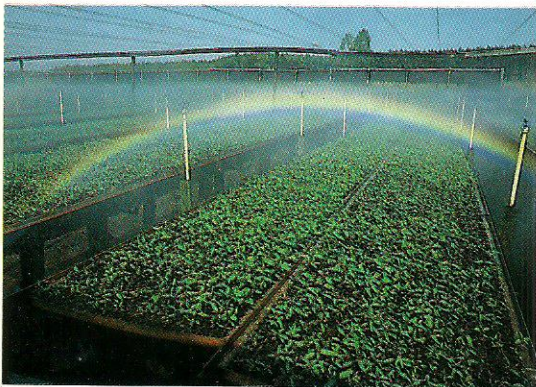
A floresta que vai abastecer a fábrica foi plantada na década de 1970 e foi totalmente reformada pela Celpav, visando a otimização do seu rendimento e manejo.

A Celpav pesquisa o aprimoramento das árvores, a produção de sementes e modernas técnicas de cultivo visando alcançar os melhores níveis de rendimento de madeira por hectare/ano.

Em conjunto com a Unesp, a Celpav promoveu a recuperação de uma área antes degradada, conhecida na região por Várzea do Jenipapo, repovoando-a com espécies nativas originais, identificadas após pesquisa.

Celulose

A fábrica de celulose tem capacidade instalada para 260.000 toneladas/ano, e visa não apenas ao abastecimento da unidade própria de papel, como também o fornecimento do excedente para o mercado interno.



Viveiro de mudas - Fazenda Cara Preta



Sistema Digital de Controle Distribuído

A madeira recebida das florestas da Celpav é descascada, picada, classificada e enviada ao processo de produção de celulose. A casca e rejeitos de madeira são destinados às caldeiras auxiliares que queimam essa biomassa, gerando o vapor complementar à fábrica de papel, como também para dois turbogeradores, produzindo cerca de 30 MWh.

A produção de celulose se baseia no cozimento da madeira, seguido de lavagem, depuração e branqueamento. Essa purificação é realizada com tecnologia atual, empregando oxigênio e dióxido de cloro em sequência curta de branqueamento, que possibilita alta qualidade do produto (alvura=90° GE; viscosidade=18 cp; impurezas < 1 mm²/m², assim como reduz a quantidade de efluentes.

O sub-produto do cozimento, o licor preto, é recolhido, estocado, passa por uma evaporação de múltiplo efeito tipo "falling film" de placas, atingindo 72% de concentração de sólidos, seguindo para ser queimado na caldeira de recuperação, a qual gera a maior parte do vapor para a indústria, ao mesmo tempo em que recupera

os produtos químicos utilizados no processo.

Energia

A unidade está equipada com dois turbo-geradores AKZ-ABB de 17 MW cada, o que é suficiente para atender a 50% da demanda de energia; os restantes 50% são fornecidos pela CPFL, através de uma linha de 138 KV.

Papel

A fábrica de papel tem duas máquinas Voith para produção em 4,70 m de largura do papel, ambas usando o processo "duo former", que permite uma velocidade de operação superior à convencional: a primeira das máquinas alcança 1.000 metros por minuto, e a segunda vai a 1.200 metros.

Toda a operação industrial - tanto na fábrica de celulose quanto na de papel - é controlada por um SDCD-Sistema Digital de Controle Distribuído, que concentra numa sala de controle todas as informações sobre o

andamento do processo, permitindo ao operador, na sala de controle, fazer ajustes e correções em diversas áreas de operação.

Além do sistema de controle, existem dois computadores dedicados exclusivamente ao monitoramento automático da qualidade, alimentados por dados captados continuamente por sensores pelos quais passa o papel que está sendo produzido. A retro-alimentação, baseada nesses dados, permite correção imediata de eventuais desvios nos padrões de qualidade.

Na fase final de produção do papel, as máquinas contam com modernos sistemas "speed sizer" para adição do amido, sendo que a máquina número 2 tem o primeiro "speed sizer" vertical do Brasil, e que é também o terceiro a ser instalado em todo o mundo. Dessa forma, a fábrica está preparada para operar na produção de papel pigmentado.

Finalmente, para "cut size" duas linhas automatizadas da Will-Pemco executam os trabalhos de cortar, enresmar, empacotar, encaixotar e paletizar o papel, com capacidade para 12 mil toneladas por mês.

Meio ambiente

Para o tratamento dos seus

efluentes líquidos, a Celpav instalou uma estação de tratamento de efluentes composta de um sistema primário para remoção de sólidos seguido de um lodo ativado duplo estágio para redução da carga orgânica. Esse sistema garante que o efluente final da fábrica seja devolvido ao rio sem causar danos ao meio ambiente.

Para o controle das emissões atmosféricas, a Celpav implantou a mais moderna tecnologia existente, ou seja, incineração dos compostos reduzidos de enxofre (TRS), lavadores de gases de alta eficiência para o dióxido de enxofre e cloro, precipitadores eletrostáticos para o controle do material particulado.

Os resíduos sólidos, por sua vez, são coletados e devolvidos à área florestal para serem reincorporados às árvores através do processo biológico. Desde 1989, a Celpav vem fazendo experiências na área florestal, com resíduos de outras fábricas de celulose, para chegar aos padrões de dosagens e concentrações que dessem os melhores resultados na floresta.

Paralelamente à implantação desses sistemas e equipamentos de controle da poluição, a Celpav também montou um laboratório específico para o controle ambiental, que atua 24 horas por dia no sentido de verificar e

manter a boa eficiência desses sistemas.

Mercado

O direcionamento da nova fábrica para atendimento ao mercado resulta em seis linhas de produtos.

Copimax, papel para xerografia, de 75 g/m², nos formatos A4 (210x297 mm), ofício 1 (216x355 mm), ofício 2 (216x330 mm), ofício 9 (215x315 mm), carta (216x297) e A3 (297x420 mm), em pacotes de 500 folhas e caixas de 5 e 10 pacotes.

Printmax, papel off set nas gramaturas de 56, 60, 63, 75, 90 e 120 g/m², fornecido em bobinas ou em pacotes com 125, 250 ou 500 folhas.

Formmax, papel off set especial para formulários contínuos, nas mesmas gramaturas do Printmax, e oferecido em bobinas.

Lasermax, papel desenvolvido especialmente para sistemas de impressão a laser, com baixo índice de umidade (3,5%) e baixo nível de partículas magnetizáveis; fornecido nas gramaturas de 56, 60, 63, 75 e 120 g/m².

Cheklaser, papel especial de 90 g/m² para produção de cheques, cupons de refeição, ações e outros impressos de segurança, atendendo às exigências de impressão por impacto ou por laser, e oferecido em pacotes de 125 e 250 folhas.

Bondmax, papel para escrever e para impressão tipográfica ou flexográfica, oferecido nas gramaturas 56, 60, 63, 75, 90 e 120 g/m², em bobinas ou pacotes.

A fábrica que se inaugura é um empreendimento que nasce com a marca de ousadia e da eficiência, aliadas ao profundo respeito pelo ser humano e sua relação com o meio onde vive. A tecnologia em harmonia com a natureza. Muito mais que um simples objetivo, essa é a filosofia em que se baseia a Companhia Votorantim de Celulose e Papel - Celpav.



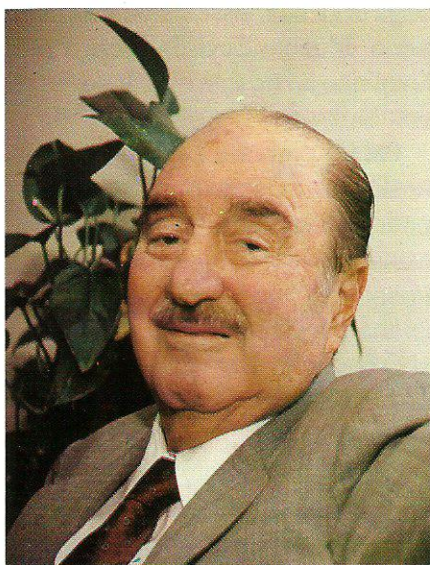
Vista da caldeira de recuperação

HORÁCIO CHERKASSKY, O ADMINISTRADOR AFÁVEL

Texto: Mylene Santoro

Fotos: Keila Maria Marques

Presidente da ANFPC e do clube Paulistano, diretor de empresas, associações e entidades, ele se caracteriza pelo temperamento cortês, que lhe permite manter bom relacionamento com todos.



Ocupar os cargos de presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose; diretor de Assuntos Corporativos da Indústrias Klabin de Papel e Celulose S.A. e diretor de outras empresas do grupo; vice-presidente do Centro das Indústrias de Estado do São Paulo (Ciesp) e do Serviço Social da Indústria de Papel e Papelão do Estado de São Paulo (Sepaco), e presidente da Toga - Indústria de Papéis de Arte J. Tscherkassky (fundada pelo tio) parecem não ser suficientes para preencher o dia de Horácio Cherkassky. Um viciado em trabalho? "Sempre levei uma vida agitada, fazendo muito mais do que o tempo permitia", responde..

Trabalhar intensamente foi um dos ensinamentos que recebeu do primo, Abraão Jacob Lafer, que o convidou a ingressar no Grupo Klabin em 1938, quando ainda cursava a faculdade de Direito do Largo São Francisco. "Meu primo sempre me dizia que trabalhar é se dedicar 24 horas por dia."

Vício mesmo ele diz só ter um: conviver com os amigos e cultivar o bom relacionamento com as pessoas. E a paixão pelo tênis, é claro. Aliás, na sua opinião, a prática de esportes pode evitar que a criança

carente de hoje se torne o jovem marginal de amanhã.

Nas horas de folga, durante os fins de semana, Horácio Cherkassky costuma trocar a cidade pelo campo: vai para a fazenda Rio da Prata, em Itupeva, administrada pela filha única, Dora Pilli, da qual ele se orgulha: "Ela se revelou uma competente fazendeira. Nunca pensei que as mulheres pudessem ser enérgicas e se impor tanto". É para a fazenda que pretende se mudar um dia, quando cansar da correria paulistana. E era lá que costumava ouvir sua coleção de discos de música clássica até alguns meses atrás, quando um ladrão entrou sorrateiramente e roubou todo o equipamento. "São muitas as passagens divertidas que têm a fazenda como cenário", conta o amigo Mário Amato, 1º vice-presidente da Confederação Nacional das Indústrias, destacando que Horácio, após comprar as terras, sempre visitava o antigo proprietário, Carlito Aranha. "De tanto ele ficar hospedado lá, o Carlito ainda se sentia como se fosse o proprietário da fazenda", salientou.

Sua outra propriedade - a fazenda Acarape, a confiou a um amigo de infância e ex-colega da universidade, incumbido de cuidar das atividades que a pecuária de corte.

Nascido em São Paulo - sua mãe veio à cidade apenas para fazer o parto, no Pró-Matre -, em 1917, ele se considera cidadão de Araraquara, onde passou sua infância. Filho de pai ucraniano e mãe lituana, trocou o Interior pela Capital aos 16 anos, para cursar a universidade. Casado há 35 anos com d. Helena, abre um sorriso ao elogiar a perseverança de sua companheira durante os dez longos anos de noivado. "Ela pacientemente me convenceu a fazer aquilo de que eu não estava convencido ainda - a casar", brinca, acrescentando que, "afinal, o casamento não é tão ruim assim."

Preocupado com a recessão que assola o mundo inteiro, ele acha que o Brasil anda em compasso de espera, tantas são as indefinições do governo federal. Alguma coisa o enfurece? Sim, quando fala nos estoques de comida do governo que apodreceram. "Isso, para mim, é criminoso."

Nos últimos 20 anos, Horácio Cherkassky participou ativamente dos processos e articulações que tornaram possível ao setor quadruplicar a produção de celulose e triplicar a produção de papel. E haja fôlego: ele ainda arranja tempo para ser conselheiro da Confederação Industrial de Celulose e Papel Latino Americano (Cicepla), da qual já foi presidente; membro do Comitê Consultivo de Especialistas em Celulose e Papel da FAO (Food and Agriculture Organization); presidente do Clube Atlético Paulistano; e membro do conselho de administração ou consultivo de diversas corporações, dentre elas a Metal Leve, bem como da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, da Apae e da Fundação Dorina Nowill para cegos.

Com toda esta atividade, só poderia mesmo ser um otimista: acredita na viabilidade do País e ainda consegue encontrar um economista merecedor de sua admiração (Delfim Netto). O mesmo não se dá quanto aos políticos, mas, aí, não há otimismo que resista...

C&P - O sr. é considerado um administrador conciliador, que consegue unir as pessoas e atrai o respeito de funcionários e patrões. É assim que se vê?

- Sempre tenho a preocupação de manter um bom relacionamento com as pessoas que me cercam. Eu gosto das pessoas e sinto que sou por elas apreciado. Eu diria que esse comportamento é fruto da educação que recebi. Minha mãe, d. Dora, era uma pessoa que agradava a todo mundo. Ela tinha uma loja de móveis em Araraquara e andava com os bolsos do avental cheios de balas, que distribuía a todas as crianças que por ali passavam. Acho que esta característica me foi transmitida.

“MINHA MÃE ANDAVA COM OS BOLSOS DO AVENTAL CHEIOS DE BALAS, QUE DISTRIBUÍA A TODAS AS CRIANÇAS...”

C&P - Como surgiu a vocação para o Direito? Era desejo dos pais?

- Acho que foi uma continuidade. Sempre acreditei que fosse me tornar advogado. Aliás, tem uma passagem curiosa: quando eu era pequeno, conheci um carroceiro que comprou um carro. Então, eu pensava: “De que adianta ser advogado se eu não posso ter um carro? É melhor ser carroceiro”.

C&P - Como foi feita a passagem do Direito para a Administração?

- No segundo ano de faculdade, comecei a trabalhar com um primo meu, o dr. Jacob, que era do grupo Klabin. Eu fazia serviço de office-boy: entregava cartas, petições no fórum, pagamento de INPS. Exerci inúmeras funções dentro da empresa, sem receber indicações objetivas de função ou cargo. Bem de acordo com a mentalidade do dr. Jacob, que também era advogado, fazia tudo o que fosse necessário, sem títulos e sem definição efetiva de cargo. Sempre o substituí quando era preciso e trabalhamos juntos até sua morte. Dentro do grupo, fui diretor de Klabin de Papel e Celulose S/A, depois passei a diretor de

Indústrias Klabin de Papel e Celulose S/A., diretor financeiro até 1992 e, cumulativamente, diretor de Assuntos Cooperativos, cargo que exerço até hoje.



C&P - Foi difícil trocar o Interior pela Capital?

- Na época, eu tinha 16 anos e, em Araraquara, era um rapaz muito conhecido, tinha vários amigos, jogava tênis. Em São Paulo, achava estranho andar pelas ruas e não conhecer ninguém. Mas, através da faculdade, comecei a formar um núcleo de amizades. Particpei ativamente da militância político-estudantil como vice-presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto.

“SEMPRE ACREDITEI QUE FOSSE ME TORNAR ADVOGADO”

C&P - O sr. se considera um “self made man”?

- Acho que sou mais um self made man do que o produto de um treinamento específico. Fui atuando, me adaptando e crescendo no trabalho através das experiências e oportunidades surgidas.

C&P - É o caso de chamá-lo de “workaholic” (viciado em trabalho)?

Sempre tive uma vida agitada. Fazia

política acadêmica, namorava, frequentava clubes, participava de reuniões, jogava tênis, trabalhava. Sempre fiz muito mais do que o tempo permitia. Corria sempre para alcançar os objetivos do trabalho e dos estudos. Ultimamente, diminuí o ritmo mas procuro manter todas as minhas atividades.

“PARTICIPEI ATIVAMENTE DA MILITÂNCIA ESTUDANTIL”

C&P - O que faz nas horas vagas?

- Sempre gostei de me encontrar com os amigos, participar de reuniões, mantendo muitos relacionamentos e amizades.

C&P - Costuma ler ou ouvir música?

- Quando posso, leio à noite. Costumava ouvir música clássica até alguns meses atrás, quando ladrões entraram na fazenda e roubaram todo o equipamento de som e um coleção inteira de discos clássicos, além de roupas e televisões. E, por ironia, eu havia acabado de cancelar o seguro contra roubo que tinha. Achei desnecessário mantê-lo pois não havia muitos casos de roubo na região. Agora, o seguro foi refeito e a fazenda ganhou um esquema de segurança.

C&P - A fazenda é vista como um hobby ou outro ramo de negócios?

- Costumava ver como hobby mas hoje, graças à minha filha Dora, que é quem cuida da fazenda, está se tornando uma atividade lucrativa. Apesar de haver cursado administração de empresas, minha filha hoje é uma dedicada e competente fazendeira. Ela mudou completamente minha idéia sobre as mulheres nessa atividade: nunca pensei que pudessem ser enérgicas e se impor tanto. Ela vai com o filho André, de um ano e oito meses, à tiracolo e comanda cerca de 150 pessoas. Trabalhamos muito com o sistema de parceria - entramos com a terra, o adubo e o trator e dividimos os resultados. Para se ter uma idéia, minha filha chegou à conclusão de que era mais negócio vender o milho que era

dado aos porcos; então, acabamos com a criação de porcos Durol que não dava mais lucro nenhum. Outro dia ela descobriu que era mais interessante comprar um caminhão e fazer o transporte para o Ceagesp do que manter o tradicional fretamento de terceiros. Foi o que fizemos com ótimo resultado.

C&P - Qual o melhor lugar para se morar: na Capital ou no Interior?

Minha mulher prefere a fazenda. Ela fica lá com o neto, que já está aprendendo a andar no meio dos bois e das plantações. Eu gosto de São Paulo mas, um dia, pretendo morar lá..

“EU GOSTO DE SÃO PAULO MAS, UM DIA, AINDA PRETENDO MORAR LÁ NA MINHA FAZENDA DE ITUPEVA...”

C&P - Foi teísta quando jovem?

Não joguei profissionalmente, mas fui primeira série em São Paulo. Jogava no Tênis Clube Paulista e no Clube Atlético Paulistano (do qual fui eleito presidente em 1990, devendo permanecer no cargo até o ano que vem, quando me tornei inelegível por ter ocupado a presidência por dois mandatos consecutivos). Também costumava jogar vôlei e basquete.

C&P - Acha que a prática de esportes pode ser alternativa para tirar as crianças carentes das ruas?

Não só acho como temos o Sindiclube, que reúne todos os clubes amadores de São Paulo. Através dele, estamos levando escolas de esportes para crianças em diversos bairros da periferia, com grande sucesso. Acho que esse é o caminho e a prefeitura deveria cooperar com o trabalho, que é de grande utilidade para o desenvolvimento da infância no País.

C&P - Gosta de acompanhar algum esporte pela TV?

- Gosto de ver os esportes: vôlei, futebol etc. Esporte é a forma ideal para se educar os jovens. Fiz um trabalho grande no Paulistano nesse sentido e, atual-

mente, temos mais de mil crianças praticando atividades esportivas, sob a supervisão de profissionais especializados. Esta é a grande solução para se dar aos jovens e crianças oportunidades para se dedicarem a outras atividades que não sejam negativas.

C&P - Gosta de futebol?

Torço para o São Paulo. Agora, em termos de seleção brasileira, não entendo o suficiente para julgar o técnico Parreira.

C&P - Como é sua convivência familiar?

Eu sempre fui muito intenso e minha mulher me ajudou muito, permitindo que eu atuasse sem fazer exigências. Minha filha sempre encontrou o meu apoio. Sempre me dei bem com ela, apesar de passar o dia todo fora de casa.

C&P - É religioso?

Sou de origem israelita, mas não praticante. Não sou de frequentar sinagoga. E, embora tenha vivido sempre no meio de católicos, nunca aderi.

C&P - Acredita em Deus?

Acho bom acreditar (ri). Há pouco tempo fiz várias operações, fiquei muito tempo em hospitais e, nessas oportuni-

dades, chamava Deus. Não sou religioso, mas acredito em uma força superior.

C&P - Como vice-presidente da Ciesp, é fácil promover o diálogo entre trabalhadores e empresários?

Hoje em dia é mais fácil. O que tem dificultado é o volume de reivindicações. É tão grandioso que algumas delas parecem ser oferecidas para serem eliminadas. A última pauta que vi envolvia 140 cláusulas, tinha de tudo.

C&P - E o diálogo com os governos?

Com o governo federal, a gente fala hoje com um e, na semana que vem, tem de falar com outro. Com o governo estadual é mais razoável.

“ESTAMOS LEVANDO ESCOLAS DE ESPORTES PARA AS CRIANÇAS DA PERIFERIA”

C&P - É necessário ter jogo de cintura?

É fundamental. Sem ele não se sobrevive.

C&P - Como vê o processo de privatização no País?

Acho que é a solução racional. Só penso que é preciso vender e não doar as empresas.

C&P - Como avalia o presidente Itamar Franco?

Ele às vezes tem tomado atitudes cheias de dúvidas, o que é inaceitável para a administração do País.

C&P - E a política econômica do ministro Fernando Henrique Cardoso?

Começou com uma importante demonstração de forças, de intenções e objetivos, mostrando a linha de conduta que pretendia estabelecer, principalmente junto aos órgãos ligados ao governo, impondo regras fundamentais. Mas depois, pressionado pelos políticos e pelas estatais, parece ter diminuído o ritmo. Gostaria de ver mais resultados concretos de sua parte.



C&P - Acredita na iminência de um choque econômico?

- Acho que um choque seria o fim. A esta altura, seria uma desmoralização tremenda, falta confiabilidade. Nós nos veríamos em mais confusão sem solução.

C&P - A liberação das taxas de importação vem mesmo?

- Estamos sentindo que o governo pretende reduzir ou eliminar as taxas de importação. Isso traz algumas desvantagens a setores empresariais menos competitivos, mas, para o povo em geral, trará vantagens.

C&P - E a dolarização, poderia ser uma saída para o País?

- Não. Na Argentina havia disponibilidade de dólar. Aqui no Brasil não há.

C&P - Admira algum economista em especial?

- O Delfim Netto. Considero-o muito inteligente, ele tem opinião e se impõe.

C&P - Algum político?

- (Pensa um pouco...) Está difícil...

*“UM CHOQUE ECONÔMICO
AGORA SERIA O FIM, UMA
DESMORALIZAÇÃO TREMENDA.”*

C&P - O setor de papel e celulose se qualificou, modernizou-se e ampliou sua capacidade. Quais serão os caminhos futuros?

- Hoje, o setor é um dos mais avançados. Já foram investidos, de 1989 a 1992, US\$ 5,5 bilhões e, atualmente, estão em estudos projetos para mais US\$ 4,7 bilhões nesta década. Mas o setor está em compasso de espera - considerando a recessão mundial, o momento não parece propício para grandes investimentos.

“ Sempre fiz muito mais do que o tempo permitia. Corria para alcançar os objetivos de trabalhos e dos estudos. Ultimamente, diminuí o ritmo...”



C&P - O setor está preparado para enfrentar a concorrência internacional?

- Normalmente, eu diria que sim. Mas, neste momento, em que há uma crise mundial, digo que não. A recessão reduziu os preços a tal ponto que fica difícil competir.

C&P - Com o fim do comunismo, os países do Leste europeu poderão ser concorrentes do Brasil?

- Isso vai levar muito tempo.

C&P - A formação de novos blocos, como a Europa Unificada preocupa?

- Vai ser problemático para alguns exportadores brasileiros, que precisarão adotar índices de qualidade mais rigorosos. Isso poderá criar dificuldades para os países que não estão prepara-

dos para este atendimento.

C&P - O Mercosul tem um papel importante a desempenhar?

- Sem dúvida, embora haja limitações de capacidade de produção. Tem algumas vantagens agrícolas, mas a capacidade de produção é baixa.

C&P - Como anda a certificação do setor nas normas ISO?

- A tendência do setor é se enquadrar para continuar atendendo os seus mercados. Uma boa parte das empresas já conta com o certificado, e com programas de qualidade total que visam aumentar a produtividade e os índices de qualidade em todas as suas atividades.

C&P - Qual o caminho para o aquecimento do mercado interno?

- Melhorar o País, resolvendo seus problemas básicos. Como é que pode haver continuidade de produção se não há políticos e ministros permanentes? Não há País que suporte esta indefinição.

“NÃO PODE HAVER CONTINUIDADE DE PRODUÇÃO SEM MINISTROS PERMANENTES”

C&P - A caridade resolve? Pergunto isto porque o Sr. participa de instituições como a Apae e a Fundação Dorina Nowill...

- Todo ano eu contribuo para a promoção da Feira da Bondade, que rende recursos para a Apae, e admiro muito o trabalho feito por Dorina Nowill em benefício dos deficientes visuais. Acho que todos nós devemos cooperar com entidades como estas, que são tão importantes, confiáveis e dedicadas.

C&P - Para finalizar: o Brasil é viável?

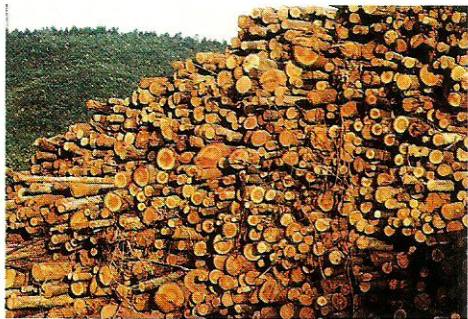
- Acho um País perfeitamente viável. E, também é viável o setor de papel e celulose, sem sombra de dúvida!

13 de Setembro de 1993.
Uma data que merece ser
colocada no papel.

13 de Setembro de 1993 é uma data
que merece ser colocada no papel.

Por dois motivos.

Primeiro. A
Celulose Nipo
Brasileira S/A -
Cenibra, uma das
mais importan-
tes produtoras
brasileiras de

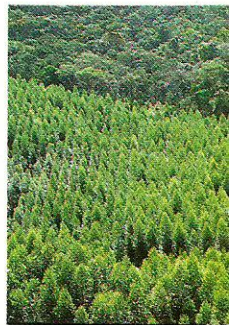


celulose branqueada de eucalipto-
matéria-prima básica para a
fabricação de papel - completa 20

anos de atividades. Nesses anos,
graças à competência e à dedi-
cação de seus 5.000
empregados, a
Cenibra conquistou
credibilidade no
mercado interna-
cional. Ganhou a
confiança dos seus
acionistas, a

Companhia Vale do Rio Doce e a
Japan Brazil Paper and Pulp
Resources Development Co. Ltd -

JBP. E, principalmente, mostrou
que é possível conciliar desen-
volvimento com
proteção ambi-
ental, garantindo
a qualidade do
seu produto e o
aproveitamento
racional dos
recursos naturais.



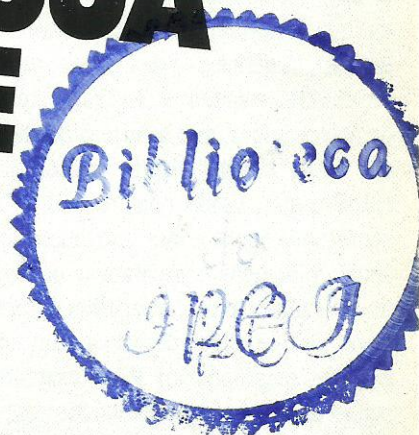
Segundo. A Cenibra dá início
ao seu Projeto de Expansão - um
dos mais importantes projetos

JBP - JAPAN BRAZIL
PAPER AND
PULP RESOURCES
DEVELOPMENT CO. LTD.



Celulose Nipo-Brasileira S.A.

A CENIBRA DÁ INÍCIO AO SEU PROJETO DE EXPANSÃO PARA DUPLICAR SUA PRODUÇÃO DE CELULOSE.



industriais do País, atualmente - investindo US\$ 800 milhões para aumentar a sua produção de 350 mil para 700 mil toneladas de celulose por ano, a partir de 1996.



Instalada ao lado da Unidade

Industrial da empresa, no município de Belo Oriente, leste de Minas Gerais, a nova fábrica da

Cenibra contará com a mais avançada tecnologia disponível para continuar a produzir celulose da melhor qualidade, atendendo aos mais exigentes clientes do Japão, Europa e Estados Unidos.



Isso sem falar na geração de mais divisas para o País, na criação de aproximadamente

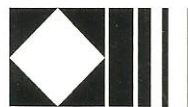
3.000 novos empregos, só na fase de construção, e de mais 1.200

quando a nova fábrica entrar em operação. E no desenvolvimento não só da região como de todo o Estado de Minas Gerais.

Por tudo isso, 13 de Setembro de 1993 é uma data que realmente merece ser colocada no papel.



MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA



**Companhia
Vale do Rio Doce**

INICIATIVA LOUVÁVEL, IMPLEMENTAÇÃO POLÊMICA.

O selo verde deveria favorecer itens produzidos sem danos ao meio ambiente, mas há interesses se articulando para utilizá-lo como barreira protecionista e para guerrilhas propagandísticas contra empreendimentos sérios.

Texto: Celso Lungaretti

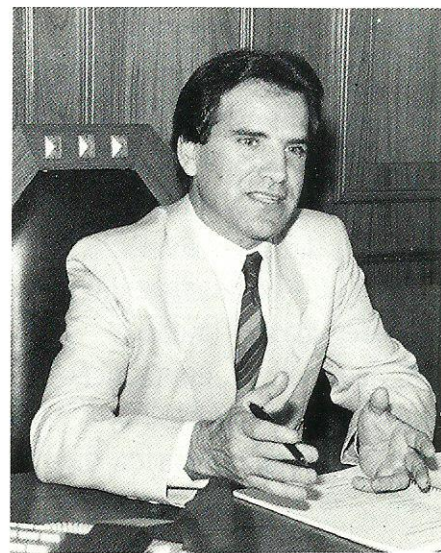
Depois de privilegiar os aspectos ambientais em seu ambicioso programa de modernização, o setor de celulose e papel acreditou que a introdução de um selo verde só lhe traria benefícios — da mesma forma que um cidadão respeitável, ao tirar o atestado de antecedentes, tem a certeza de receber um “nada consta”. Hoje, entretanto, se percebe que, usado com malícia, o selo verde pode servir como instrumento para anular vantagens comparativas brasileiras no mercado externo e atrapalhar empreendimentos que estão ativando a economia e gerando empregos no País (exatamente aquilo de que mais necessitamos para sair da atual recessão!).

Os selos ecológicos estão sendo introduzidos há algum tempo e já se tornaram padrão de referência para os consumidores de países como a Alemanha. A sua adoção foi impulsionada pela Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Eco-92), cuja Agenda 21 recomendou que governos e instituições internacionais desenvolvessem indicadores no sentido de informar aos consumidores sobre o impacto ambiental de todas as fases do ciclo de vida dos produtos, como obtenção das matérias primas, produção, utilização e disposição final.

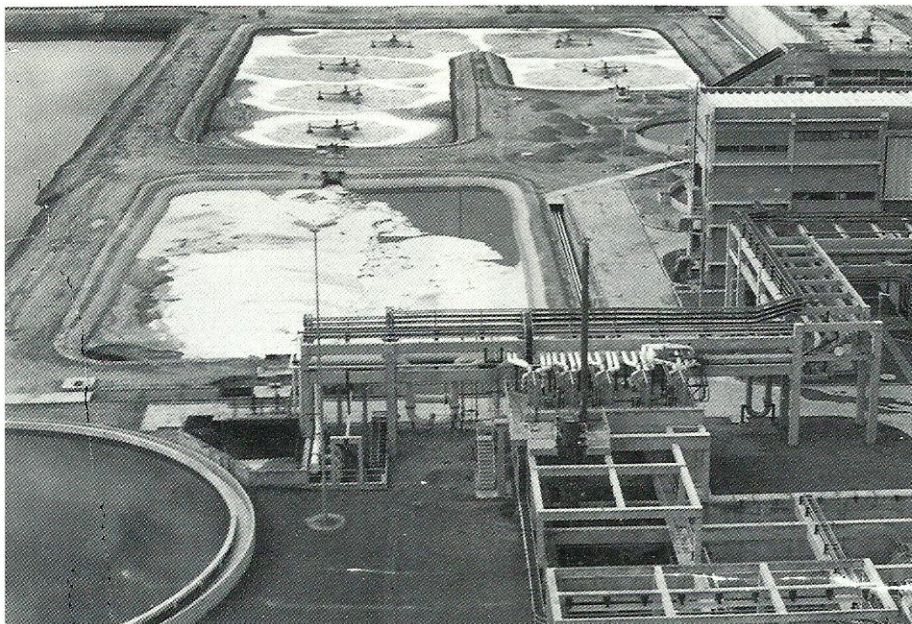
Foi o bastante para o conselho da Comunidade Européia, em março último, instituir um selo ecológico comunitário que, de acordo com a Associação Brasileira de Exportadores de Celulose (Abecel), pro-



Os embarques de celulose e papel para a Europa poderão diminuir com o selo ecológico da CE, mesmo porque, diz Evaristo Lopes, “o potencial do Brasil incomoda demais os concorrentes estrangeiros”



move “de forma artificial” os papéis reciclados, podendo provocar “distorções no comércio internacional” e desestimular “práticas ambientalmente sustentáveis pela indústria de papel e celulose”, além de “acarretar



O tratamento de efluentes na fábrica de celulose da Riocell é um exemplo do empenho do setor em assegurar proteção ambiental

preços mais altos para os próprios consumidores da CE". O coordenador do comitê de Meio Ambiente da Abecel e gerente de Meio Ambiente da Aracruz, Carlos Alberto Roxo, é ainda mais direto: "No clima competitivo atual, o selo ecológico tende a tornar-se um fator de desestabilização, afetando a concorrência, sob o pretexto de proteção ao meio-ambiente".

No Brasil, muitas entidades disputam a primazia da emissão do selo verde — o que não é bom sinal. Algumas são exatamente as que criam empecilhos a projetos sérios e vivem ocupando espaços na mídia com denúncias infundadas (vide o caso da Veracruz Florestal, detalhado adiante). E há também a certificação ambiental em gestação na Associação Brasileira de Normas Técnicas, que já colocou papel e celulose na lista dos produtos prioritários e está na fase do

desenvolvimento e discussão dos textos técnicos; aí, pelo menos, os setores industriais estão representados, ao lado das Organizações Não Governamentais e órgãos de defesa do consumidor e de proteção ao meio ambiente. Caso prevaleça o selo verde da ABNT, fontes diplomáticas anteciparam que o Itamaraty negociará o seu reconhecimento com os principais parceiros, em especial os países da CE.

Evaristo Manoel Lopes, da área de Incentivos Florestais da Klabin, acredita que o assunto ainda vai dar muito pano para manga: "Serão necessários alguns anos para se chegar a normas fluentes, operacionais. Até lá, o selo verde será objeto de muitas e muitas discussões, aqui e lá fora.

Ele confirma que, dentre todas as entidades que falam em lançar selos ecológicos, "não se chegou a um consenso sobre quem

certifica e, por enquanto, ninguém sabe qual ficará com a incumbência". Ou quais, pois não está afastada a hipótese de rachas e de selos alternativos.

Alerta, entretanto, que é muito importante evitar preconceitos, "final os produtos fabricados com celulose da região da Mata Atlântica não têm nada a ver com a derrubada das árvores nativas e não é o setor papelero que mata os índios". As ressalvas podem parecer anedóticas, mas é exatamente este tipo de desinformação que está sendo levado a pessoas bem intencionadas mas ingênuas de todo o planeta. E Evaristo Lopes lembra sempre que "o potencial do Brasil, com suas florestas plantadas, incomoda demais os concorrentes estrangeiros".

Já o diretor florestal da Duratex, Francisco Bertolani, está confiante na criação de um selo verde que acabe sendo "um passaporte para nosso produto chegar no mercado internacional". Ele diz que, por enquanto, os fabricantes brasileiros de chapas de fibra e aglomerados de madeira não estão enfrentando qualquer forma de pressão. E comenta: "Se sair o selo verde estaremos tranquilos, dando nosso maior apoio e obtendo o quanto antes a certificação, para garantir o fluxo de nossas exportações".

Embora as previsões diverjam, uma coisa é certa: se o empresariado não acompanhar atentamente a questão, corre o risco de se defrontar com um selo verde lesivo aos seus interesses e aos da economia brasileira. Foi mais ou menos o que aconteceu com a Constituição de 1988, hoje apontada por muitos como a verdadeira causa da recessão que o País atravessa nos últimos anos, pois estaria na contramão da modernidade econômica.

ABECEL QUER FIRMEZA

O País precisa defender seus interesses nos processos decisórios do comércio internacional, enfatiza a Associação dos Exportadores de Celulose.

“É fundamental que o País assumira uma posição firme, participando ativamente e defendendo os seus interesses nos processos decisórios do

comércio internacional”, conclama a Abecel, em nota sobre as barreiras comerciais às exportações brasileiras de papel e celulose (que, segundo seus dados, geraram divisas

da ordem de US\$1,4 bilhão em 1992, sendo US\$ 540 milhões resultantes de vendas para a Comunidade Européia).

A posição da Abecel é de que o selo



A obtenção de madeira a partir de florestas plantadas, como a da Duratex em Lençóis Paulista, é acompanhada por um reforço na vigilância contra os devastadores do meio ambiente.



ecológico da CE, embora voluntário, “poderá trazer consideráveis desvantagens comparativas de mercado para os produtos que não o obtiverem, daí a importância de critérios justos e bem fundamentados”. Mas não é isto o que está ocorrendo, pois os critérios, “elaborados em processos não transparentes que exclui os produtores de fora da CE, são tendenciosos, beneficiando os papéis reciclados” e tornando praticamente impossível a obtenção do selo para papéis produzidos a partir de fibras virgens.

“Os critérios são vagos e acabam transformando o selo verde em uma barreira protecionista”, afirma Carlos Alberto Roxo. Para o coordenador do comitê do Meio

Ambiente da Abecel, dos sete critérios adotados pela CE, três corporificam a opção européia pelo papel reciclado: a restrição ao uso da madeira e de recursos naturais não renováveis (carvão, óleo, energia elétrica) e à produção de resíduos. O uso da madeira e de grandes quantidades de energia elétrica para a produção da celulose e a geração de resíduos seriam obstáculos a que o papel brasileiro recebesse o atestado da CE. “Foram considerados padrões ambientais europeus no estabelecimento de regras que valem para produtos do mundo inteiro”, queixa-se Roxo.

Ele repudia a discriminação da madeira de florestas plantadas e assinala que as

contribuições para o efeito estufa são calculadas como se todos consumissem a energia gerada na Europa, à base de combustíveis fósseis, enquanto no Brasil predominam as usinas hidrelétricas. “Todos são penalizados como se contribuíssem para a chuva ácida da Escandinávia”, ironiza.

Lembrando que a utilização de barreiras não tarifárias, sob justificativas ambientais, foi expressamente condenada no Princípio 12 da Carta do Rio, assinada por todos os países participantes da Eco-92, ele conclui: “É urgente a mobilização conjugada do governo e do setor privado para enfrentar esta ameaça.”

PROJETO PATRULHADO

Acusações levianas levaram à paralisação dos trabalhos da Veracruz na Bahia, mas nova inspeção comprovou que nada havia mesmo de errado.

Um exemplo eloquente da irresponsabilidade com que às vezes agem os patrulheiros ecológicos se deu com o projeto da Veracruz Florestal (empresa do Grupo Odebrecht) no sul da Bahia. A proposta, de acordo com seu diretor supe-

rintendente, Paulo Silveira, se enquadra perfeitamente nos princípios do desenvolvimento sustentável:

“Em dezembro de 1991, já em nossa primeira compra de terras, fomos consequentes e efetivos em nossa intenção

de sermos parceiros da Mata Atlântica. Na ocasião, adquirimos a Fazenda Americana, atual Floresta Veracruz, uma área de 6 mil hectares de Mata Atlântica bem conservada e contínua. Nossa proposta é sediar ali um centro de pesquisas sobre a biodiversidade da região, que seja também fomentador de estudos e ensino sobre proteção do meio ambiente.”

Ele assinala que, “quando o projeto atingir os 78 mil ha reflorestados, teremos outros 33 mil ha de reservas protegidas, criando um conjunto floresta plantada/



**PELO 3º ANO CONSECUTIVO,
A CHAMPION FOI ELEITA A
MELHOR EMPRESA DO SETOR
DE PAPEL E CELULOSE.**

**NO MEIO DE TANTA EFICIÊNCIA
SÓ PODERIA TER MESMO MUITA QUALIDADE.**

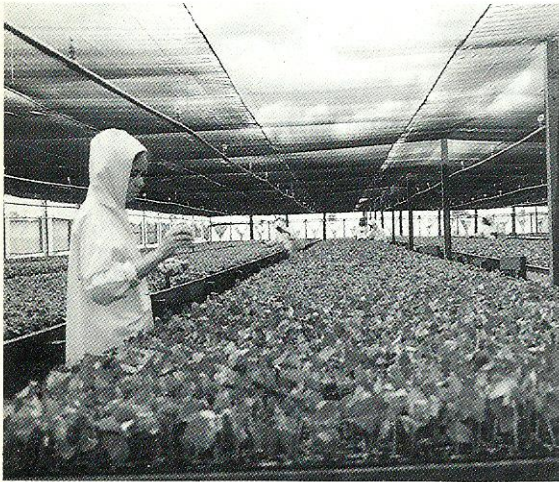
A Tubetrom se orgulha de ter cumprido o seu papel nesta importante conquista, fornecendo produtos de primeira qualidade, à altura dos padrões exigidos pelas maiores e melhores empresas do setor.

São tubetes de papelão de alta precisão e grande resistência, produzidos a partir de bobinas selecionadas, segundo os mais rígidos controles de qualidade e acabamento.

Tubetes de Papelão Tubetrom. Aprovados por quem mais entende de papel neste país.



Rua Emílio Romani, 1222
Fone: (041) 246-2009 - Fax: (041) 247-6550
Curitiba - PR.



Viveiro de mudas e área de reflorestamento: a Veracruz pretende criar um conjunto floresta plantada/floresta natural "de extraordinário valor ambiental", mas adverte que precisa haver clima propício para o investimento.

floresta natural de extraordinário valor ambiental".

O Conselho Estadual do Meio Ambiente da Bahia aprovou o estudo de impacto ambiental e o Ibama vem concedendo regularmente as necessárias autorizações legais para a implementação desse projeto florestal, cujos trabalhos foram iniciados em fevereiro de 1992 (ano em que se reflorestaram 2 mil ha). Em 1993 está previsto o plantio de mais 6 mil ha, dando emprego direto a 1,3 mil pessoas. Foi definido que todo reflorestamento se situará a uma distância de 25 km da costa.

Houve então a denúncia, trombeteada

na mídia nacional e internacional, de que a Veracruz estaria atuando sem autorização — portanto, ilegalmente — e promovendo ampla devastação da Mata Atlântica.

"A denúncia de ilegalidade não resistiu 24 horas", lembra o diretor florestal da Veracruz, Pedro Vailant. "E a acusação de que estávamos devastando a Mata Atlântica foi definitivamente esclarecida e negada depois de nova vistoria em companhia dos denunciadores, que não aceitaram a inspeção anterior do Ibama e CRA (Centro de Recursos Ambientais da Bahia)."

A inspeção provou: tudo que estava sendo executado correspondia integralmente

aos projetos previamente aprovados pelos órgãos competentes, não cabendo, portanto, qualquer penalidade. "Na verdade, recebemos um atestado de qualidade", ironiza Vailant.

Paulo Silveira, entretanto, não é tão condescendente: "Essas denúncias, quando não tratadas com serenidade e prévia apuração, são como uma arma, podendo causar enormes prejuízos econômicos e de imagem ao empreendimento. Não é possível realizar um investimento de centenas de milhões de dólares, que exige um prazo de maturação de dez anos, sem definições claras e clima propício".

MITOS POLITICAMENTE CORRETOS SÃO DESFEITOS

Levantamentos recentes do Inpe dão conta de que o desmatamento da Amazônia é bem menor do que se pensava e diminui de ano para ano, enquanto chegam notícias de que devastações mesmo ocorrem é na Sibéria.

Vilificar nosso país tornou-se um hábito nos anos de chumbo dos governos militares, quando a comunidade de brasileiros no exílio passou a alimentar a mídia estrangeira com um variado elenco de denúncias. Isto era compreensível e até aceitável então, mas não há como justificar a permanência desta atitude após a redemocratização do Brasil. A conexão brasileiros insatisfeitos/estrangeiros festivos continua funcionando a

tudo vapor, em detrimento das exportações brasileiras e da obtenção de financiamentos para o País junto às instituições de crédito internacionais, além de, vez por outra, estimular intervenções na Amazônia, que jamais se concretizam porque os governos, afinal, não agem com a mesma insensatez das minorias estridentes.

Mas, sob a cortina de fumaça dos mitos politicamente corretos, às vezes é possível resgatar a verdade. Foi o que fez o jorna-

lista Alberto Tamer, de O Estado de São Paulo, que, com base em dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, "incontestados até agora pelos organismos científicos internacionais", afirmou: "Não é verdade que a Amazônia esteja sendo queimada e destruída. Cerca de 91,5% de toda a floresta continua intocada. O desflorestamento total é de apenas 426.400 quilômetros quadrados e o desmatamento vem diminuindo ano a

PRIMAVERA POSTAL
Sementes de Cedro-Rosa e Ipê-Rosa
para você plantar ou enviar



Postal do Paraíso.

Um cartão postal com sementes de árvores nativas do Brasil. Este foi o presente de primavera que a Votorantim Celulose e Papel escolheu para os seus colaboradores, fornecedores, clientes, educadores, formadores de opinião, ambientalistas e autoridades.

Uma mensagem que simboliza o cuidado com que a Votorantim Celulose e Papel trata a questão ambiental.

Com investimentos de 70 milhões de dólares em equipamentos de proteção ao meio ambiente, a criação de uma Reserva Ecológica, destinada a pesquisas com espécies nativas e educação ambiental, e um amplo projeto de conscientização para funcionários e estudantes.

A Votorantim Celulose e Papel tem o que comemorar neste início de primavera.

E divide com toda a comunidade os frutos colhidos com um programa ambiental sério e responsável, as sementes de um futuro melhor.



CELULOSE E PAPEL



A floresta amazônica está 90% intocada, mas as patrulhas querem é agitar.

ano. Era de 0,54% em 1978/79 e, em 1990/91, caíra para 0,30%. Desflorestou-se em todos estes séculos apenas 8,5% da floresta amazônica, principalmente nas margens das estradas e nos projetos agropecuários, hoje em abandono”.

Volker W.J.H. Kirchhoff, Ph.D em Física Espacial pela Universidade da Pensilvânia e autor do livro Queimadas na Amazônia e Efeito Estufa, é outro que contesta as especulações desinformadas: “A Amazônia Legal está praticamente intocada, con-

firmam nossos levantamentos, que são feitos com grande acuidade técnica e científica, checados e recheckados várias vezes. O desflorestamento, concentrado em algumas regiões, é de 426.400 km², só 8,5% da Amazônia Legal. A hileia está inteira. Não foi destruída, como se fala. (...) Previsões falsas, sem base técnica nenhuma, dão margem a que se alimente toda essa polêmica negativa sobre a Amazônia, projetando uma imagem totalmente errada”.

Também a titular do Departamento de

Geografia da Universidade do Rio de Janeiro, Bertha K. Becker (autora dos livros Amazônia e Geopolítica da Amazônia), refutou os augúrios apocalípticos de que a floresta estaria sendo rapidamente destruída, com consequências fatais para o planeta. E foi além: a Amazônia não é o pulmão do mundo, funcionando, pelo contrário, como um grande filtro, pois absorve dióxido de carbono; a contribuição da Amazônia para evitar o efeito estufa, entretanto, é reduzida; e o desmatamento da Amazônia não foi generalizado, importando apenas não intensificá-lo doravante.

Finalmente, Norman Myers, em The Guardian, lançou em passado recente um alerta que pouco repercutiu na mídia catastrofista: embora se fale muito mais nas devastações tropicais, o declínio das florestas boreais pode “ter um impacto maior sobre nosso futuro, em razão do efeito estufa”. Lembrando que as florestas boreais constituem um terço de todas as florestas da Terra, Myers criticou o corte das árvores que nelas vem ocorrendo, sem deixar espécie alguma em pé, o que aumenta em muito a erosão do solo. Esta prática, em áreas geladas, provoca alterações tais que a terra não consegue mais sustentar as principais espécies; muitas áreas se tornam então pantanosas e passam a liberar metano, agravando o efeito estufa.

A matéria publicada em The Guardian cita, ainda, a explosão de desflorestamento recentemente provocada na Sibéria pela ação de madeireiras do Japão, Coréia do Sul e EUA, causando uma devastação de 40 mil km². E adverte: “O desflorestamento não apenas libera grandes quantidades de dióxido de carbono e gás metano, como também impede as florestas de absorver o dióxido de carbono. As ameaçadas florestas boreais, como um todo, absorvem cerca de 30% do total mundial das emissões humanas de dióxido de carbono”.

Que ninguém duvide, entretanto: o vilão número um do planeta, para as patrulhas ecológicas, continuará sendo o Brasil. Pois esta é uma vontade política que independe dos fatos. (CL).

John Pearson relata o atual estado da celulose de mercado e examina recente previsão da situação a médio prazo. Os sinais indicam que será mais um ano difícil para os fabricantes.

AGUARDANDO O RETORNO DO EQUILÍBRIO

A pesquisa deste ano encontra o mercado de celulose na situação de maior depressão dos últimos oito anos. Recessão em mercados-chaves, a baixa demanda, os preços em queda, o excesso de capacidade de produção instalada e as incertezas ambientais, todos atingiram os produtores de celulose de mercado. Poucos fabricantes estão obtendo lucros com os preços atuais (veja tabela 1), assim, longas paradas de equipamentos e algumas desativações de fábricas deverão ocorrer para corrigir o equilíbrio entre a oferta e a procura.

Em meados de julho, todos fornecedores da Europa - o maior mercado do mundo - previam um pobre terceiro trimestre. Longas paradas de máquinas foram planejadas no mundo todo, porém reduções nas fábricas de papel, devido à quedas na procura, provavelmente atrapalharão os planos dos fabricantes em espremer o mercado.

Apesar das lufadas de otimismo no início do ano, os preços despencaram a níveis considerados como perigosamente baixos para a saúde da indústria. Conforme mostrado na tabela 1, os preços dos tipos padrão de referência NBSK - pasta de celulose kraft de fibra longa branqueada mostram um colapso de 50% com relação aos preços praticados em 1989. O mercado torna-se mais complicado devido à disponibilidade de tipos isentos de cloro, que definem preços máximos, acrescidos de ágio. Porém, no todo, a previsão é de um desolador final de ano para os fornecedores.

TABELA 1: PREÇOS DA CELULOSE DE MERCADO NA EUROPA 1989/93-CIF/tonelada

Trimestre	NBSK (US\$)	NBSK (DM)	Pinho Austral (US\$)	Bétula (DM)	Eucalipto (Ecu)*
1989					
I	810	1.435	780	1.340	645
II	840	1.530	810	1.440	690
III	840	1.630	810	1.520	725
IV	840	1.630	810	1.520	725
1990					
I	840	1.400	680	1.300	640
II	840	1.400	650	1.250	610
III	800	1.310	650	1.100	530
IV	775	1.100	630	975	465
1991					
I	715	1.075	605	895	430
II	625	1.050	540	880	435
III	520	950	480	900	435
IV	490	850	450	900	440
1992					
I	530	870	480	905	440
II	550	870	520	960	470
III	600	870	560	900	440
IV	500-540	870	460-490	820	360-390
1993					
I	425-440	730-750	380-400		310-340
II	425-440	730-750	380-400	320-340	320-340

* 1. Preços cotados por metro cúbico estéreo.
2. Preços praticados na Alemanha.

NOVA ÉPOCA DE OURO?

Basicamente, existe excesso de oferta caçando poucos compradores. Esta não é uma situação incomum para o mercado de celulose, pois já aconteceu muitas vezes anteriormente. No passado, a mudança da miséria para a riqueza foi dramática. Então, qual a previsão, a médio prazo, para os fornecedores? De acordo com recente previsão, o final dos anos 90 poderá, mais uma vez, ser época de ouro para os sobreviventes. O Sr. Rodney Young, presidente da Resource Information System Inc. - RISI, em palestra proferida na "Segunda Conferência do Mercado de Papel e Celulose" em Vancouver, previu o retorno ao fortalecimento, com nível de fornecimento

igual a 95% da capacidade disponível de celulose química no ano de 1997. Isto será obtido devido ao aumento na procura, a qual irá ultrapassar a capacidade de expansão no período de 1994-1997. De acordo com o Sr. Young, a forte demanda no período será ocasionada pela explosão de propaganda impressa, pela expansão dos equipamentos para escritórios e novos métodos de distribuição no varejo. Assim, o período de 1993-94 terá que ser suportado por fornecedores de celulose em todo mundo, antes que os bons tempos voltem. Apesar da previsão otimista, o Sr. Young advertiu que mudanças no quadro da economia mundial poderão gerar expansão no uso de papel reciclado e expansão na capacidade instalada, decorrentes da intro-

dução de novas técnicas. Isto torna o futuro mais incerto. Apesar do aumento no uso de fibras recicladas, a demanda de celulose de madeira deverá alcançar seu mais elevado nível no final da década. Em 1997, o mercado de celulose deverá ser responsável por 23% do consumo total de celulose de madeira do padrão para papel, porém a celulose deverá ter menor proporção do total fornecido atualmente, pois as fibras recicladas deverão aumentar sua fatia de mercado.

No geral, Sr. Young previu um aumento de 31,7 para 38,6 milhões de toneladas entre 1992 e 1997. Conforme a tabela 2 apresenta, a celulose branqueada de fibra curta deverá ter pequeno aumento de participação, com a fibra longa perdendo terreno e, a pasta mecânica começando a crescer novamente. O Sr. Young acredita que o tradicional ciclo da celulose não será quebrado, razão pela qual diz que o mercado começará a crescer novamente no final do período, alcançando 40,8 milhões de toneladas em 1997 (tabela 3). Se o Sr. Young estiver correto, a PPI acredita que

outro ciclo de crescimento e desenvolvimento poderá ocorrer no final dos anos 90.

O FENÔMENO TCF

Grandes interesses foram colocados nos últimos anos no desenvolvimento de uma celulose totalmente isenta de cloro (TCF), - produzida sem compostos de cloro no processo de branqueamento. A procura e a oferta desta celulose é um fenômeno predominantemente europeu.

É difícil de quantificar o mercado, pois fabricantes de celulose para kraft que possuem capacidade para fabricar TCF também oferecem ECF (isento de cloro básico), mudando sua fabricação quando preços com ágio são pagos pelo tipo TCF.

Richard Cockram, NLK Consultores, que emite relatórios periódicos sobre o mercado TCF-ECF, calcula que a capacidade mundial de fornecimento de celulose TCF seja de 3,2 milhões de toneladas, sendo composta de 1,4 milhões de toneladas do tipo kraft e o restante do tipo sulfito. Aproximadamente 1 milhão de toneladas

da capacidade TCF é integrada e o restante é para venda ao mercado. Deste total, comenta Cockram, 500.000 toneladas são de celulose de sulfito, para a fabricação de tissue, deixando um potencial de 2,7 milhões de toneladas de fornecimento para outros papéis, principalmente tipos gráficos. Entretanto, estima que a demanda atual para este tipo de uso final não é superior a 1,75 milhões de toneladas.

A celulose do tipo TCF ainda é muito cara de ser fabricada, e Cockram acredita que seus tipos só serão fabricados quando o preço atingir níveis muito elevados, incluindo ágio adicional. A "PPI THIS WEEK" reporta que, atualmente, na Alemanha, maior mercado de celulose de fibra longa, o ágio é de US\$ 60-90/tonelada, dependendo da alvura.

Ele também prevê que a demanda por TCF continuará sendo comandada pela Alemanha, Austria e países nórdicos, onde grupos ambientalistas têm sucesso quase total na pressão contra o uso de cloro. Também prevê que o consumo do TCF tipo gráfico deverá crescer dos atuais níveis para perto de 3,15 milhões de toneladas por volta de 1996, um aumento de quase 80% em apenas 3 anos.

BRANQUEAMENTO

O branqueamento da celulose tem sido a nova tecnologia de ponta nos últimos anos. Porém, é evidente que o processo inicia-se no digestor, muito antes da linha de branqueamento. A técnica de cozimento é vitalmente importante para reduzir o número KAPPA, e possibilitar o branqueamento sem o uso químico do cloro. Novos métodos estão sendo instalados em várias indústrias ao redor do mundo.

As mais recentes técnicas de cozimento contínuo incluem o método ISO de Kamir (ITC), que é um aprimoramento da técnica MCC - Cozimento Contínuo Modificado. O ITC é fácil de ser adicionado aos sistemas de cozimento existentes, e sua instalação requer menos tempo que a parada normal de manutenção anual. O prazo de entrega é de aproximadamente 6 meses. O processo ITC mantém o cozimento a plena temperatura na zona de lavagem, sem perder a

TABELA 2: DEMANDA MUNDIAL POR TIPO DE CELULOSE DE MERCADO 1992-97 (milhões de toneladas)

	1992	1997	Varição
Kraft, fibra longa branqueada	14,5	17,4	+ 2,9
Kraft, fibra curta branqueada	11,1	14,1	+ 3,0
Kraft, não-branqueada		1,6	1,7
Sulfito	1,9	1,9	0
Mecânica	2,4	3,2	+ 0,8
Total Mundial	31,7	38,6	+ 6,9

TABELA 3: CAPACIDADE PRODUÇÃO MUNDIAL, CELULOSE DE MERCADO POR REGIÃO 1992-97 (milhões de toneladas)

	1992	1997	Varição
América do Norte	18,0	19,5	+ 1,5
Europa Ocidental	10,5	10,8	+ 0,3
Extremo Oriente	1,6	2,5	+ 0,9
América Latina	4,3	5,4	+ 1,1
Outros	2,3	2,6	+ 0,3
Total Mundial	36,6	40,8	+ 4,2

eficiência da lavagem. Adiciona-se licor branco no fundo do digestor e o fluxo de circulação é aumentado para assegurar uma temperatura uniforme e um ambiente alcalino em todo o digestor. O aumento na circulação é obtido pela instalação de telas na concha do digestor. Entre as empresas que estão usando o I.T.C. temos a Wifstrand da SCA, a Mnsteras da Sdra Cell's e a Norrsundet da Stora Cell, todas na Suécia, e a Tofte da Norsek Skog, na Noruega.

Sistemas digestores descontínuos, de lotes, tiveram incremento devido a ativação de diversas novas linhas no último ano. Todos os processos foram abordados em recentes edições da PPI. O sistema RDH da Beloit foi ativado na fábrica Chung Hwa em Taiwan, (PPI de maio de 1993). O sistema desfibrador descontínuo de super-bateladas, ou super-lotes, Sunds foi ativado na unidade da Enocell na Finlândia (PPI de junho de 1993, pag.24), e o processo Enerbatch da VAI foi ativado na fábrica Nettingsdorf na Austria, em abril (PPI de março de 1993).

OZÔNIO PERMANECE A GRANDE ESPERANÇA

O ozônio continua a atrair o maior interesse como agente branqueador sem cloro. Entre as fábricas que estão mudando para este agente de branqueamento, inclue-se a Husum da MoDo Papers, de 690.000 toneladas por ano, que após reforma em maio deste ano, está capacitada a produzir celulose kraft TCF branqueada por ozônio. A produção de bétula da MoDo, vendida com o nome de MoDoBirch TCF, é agora branqueada com ozônio, utilizando equipamento fornecido pela Ahlstrm.

Também estão sendo feitas obras de circulação, devolvendo o branqueador afluente para um sistema fechado de reciclagem. A MoDo já conseguiu alcançar elevado nível de recirculação no circuito da fábrica de Domsj, a qual pode fabricar celulose sulfatada de fibra curta tipo TCF, branqueada por peróxido, com alvura de 90oISO.

Outra indústria, a fábrica Wisaforest da Kymmene na Finlândia, está programada para iniciar branqueamento por ozônio este ano.

MERCADO DE CELULOSE: COMÉRCIO E PRODUÇÃO 1991-92/PRINCIPAIS PRODUTORES (1.000 tons)

PAÍS	PRODUÇÃO		IMPORTAÇÃO		EXPORTAÇÃO	
	1991	1992	1991	1992	1991	1992
EUROPA OCIDENTAL						
Bélgica	228	227	422	389	202	171
Dinamarca	66	69	132	100	122	117
França	781	929	1.883	1.980	401	412
Alemanha	317	219	3.782	3.852	192	198
Itália	180	150	2.395	2.514	60	16
Portugal	1.315	1.211	62	56	1.142	1.027
Espanha	744	746	410	386	624	566
Outros	0	0	2.639	2.419	18	27
TOTAL CE²	3.631	3.551	11.725	11.696	2.761	2.534
Finlândia	1.575	1.476	76	161	1.349	1.289
Noruega	597	562	45	45	566	517
Suécia	3.371	3.343	180	224	2.835	2.792
T. NORDICO³	5.543	5.381	301	430	4.750	4.598
Austria	305	318	421	458	183	165
Suíça	125	130	381	405	72	74
TOTAL EUROPA OCID.²	9.604	9.380	12.828	12.989	7.766	7.371
C.I.S. ³	2.000e	1.000e	40e	20e	200e	240e
Checoslováquia	450e	350e	26e	26e	172e	172e
Polónia	40e	30e	75e	75e	30e	30e
Roménia	74	58	22	38	0	0
Outros	221e	122e	297e	242e	12e	9e
TOTAL EUROPA OR.²	2.785	1.560	460	401	414	451
EUROPA TOTAL	12.389	10.940	13.288	13.390	8.180	7.822
AMÉRICA DO NORTE						
Canadá	7.913	8.329	197	265	7.227	7.362
U.S.A.	8.190	9.118	2.890	3.044	5.431	6.118
TOTAL AM. DO NORTE²	16.103	17.447	3.087	3.309	12.658	13.480
ÁSIA/AUSTRALASIA						
China	245e	400e	1.291	1.403	4	12
Indonésia	240e	140e	242	448	107	111
Japan	964	924	2.930	3.111	11	5
Coréia do Sul	165e	165e	1.270	1.518	0	0
Nova Zelândia	591	632	9	24	648	592
Taiwan	320	300	575	738	78	44
Tailândia	96	96e	249	262e	27	20e
Outros	67e	17e	900e	1.125e	63	63e
TOTAL DA ASIA/AUSTRAL.²	2.688	2.674	7.466	8.629	938	847
AMÉRICA LATINA						
Argentina	120	108	37	91	71	116
Brasil	2.039	2.476	96	77	1.375	1.635
Chile	740	1.240e	0	1	665	1.210
México	185e	185e	340	348	0	0
Outros	20e	20e	308	268	1	1
TOTAL A.L.	3.104	4.029	781	785	2.112	2.962
ÁFRICA						
Marrocos	68e	73e	30e	0e	68e	70e
África do Sul	600e	600e	0e	0e	550e	550e
Suazilândia	158	180	1	1e	155	155e
Outros	50e	50e	196	170e	6	6e
TOTAL AFRICA	876	903	227	171	779	791
TOTAL MUNDIAL	35.106	35.993	24.849	26.284	24.667	25.892

1. Nos locais onde valores de celulose de mercado não estavam disponíveis, foram usados valores totais de importação/exportação. Nestes casos, alguns valores poderão não ser celulose de mercado
2. Valores de comercialização servem apenas como indicadores de fluxo do comércio. Não retratam valor líquido de entrada/saída da região. Representam apenas a soma total de importação/exportação para os países na região.
3. C.I.S. = PAÍSES INDEPENDENTES AO MERCADO COMUM, definidos como a antiga URSS, menos Estônia, Letônia e Lituânia.

A tabela inclui estimativas feitas pela PPI e rede de editores nacionais da PPI.

HOSPITAL DO SEPACO: ATENDIMENTO EXEMPLAR.

Criatividade e flexibilidade: esta é a diretriz que o colocou como uma instituição diferenciada no quadro crítico da saúde brasileira

O Hospital do Sepaco tem novos motivos de orgulho. Acaba de receber o selo de conformidade com as normas do programa de qualidade mantido pela Associação Paulista de Medicina e o Conselho Regional de Medicina. E, durante a recente crise do setor de saúde, ele foi apontado no noticiário de imprensa como exemplo de atendimento modelar, em contraposição às instituições da rede pública. Finalmente, a recente realização da 500a. cirurgia atestou o bom andamento do convênio mantido com o instituto do Coração (Incor). São três marcos da atuação diferenciada desenvolvida pelo Hospital do Sepaco e que decorre, segundo o superintendente geral, Haino Burmester, de uma postura bem sedimentada: "Aqui dentro o paciente é a pessoa mais importante".

Para o dr. Haino, o convênio com o Incor é um exemplo de como devem ser vencidas as dificuldades ora enfrentadas pelo setor de saúde no Brasil. A parceria entre uma entidade privada e uma pública, assinala, corresponde bem ao pluralismo de nossa sociedade. "Temos de buscar essa interação, não nos prendendo a fórmulas herméticas. É o momento de se mostrar criatividade e flexibilidade. "No começo, lembra, foi muito difícil conciliar os procedimentos de duas instituições com culturas próprias e bem definidas. Havia um ponto de partida: de um lado, o estrangulamento do Incor e sua disposição de criar polos externos com a mesma qualidade, e, assim descentralizar sua atuação — o por ele denominado Programa de Cardiologia Social; e, da parte do Hospital do Sepaco, a terapia intensiva, de manutenção vultosa, não estava tendo ocupação plena. "A parceria com o Incor não só nos permitiu dividir despesas, como



O dr. Haino destaca que, no Sepaco, "o paciente é a pessoa mais importante".

estimulou intelectualmente nossa equipe", assinala o dr. Haino.

Hoje, o pessoal do Incor opera no Sepaco pacientes de ambas as instituições. Na avaliação de Haino, foi nos últimos dois anos que o entrosamento atingiu um bom nível: "As coisas certas são difíceis, complicadas, lentas. Mas produzem resultados. Já o imediatismo nada constrói".

CERTIFICAÇÃO

É com esta visão de longo prazo que, segundo ele, está sendo tocado o programa de avaliação do desempenho dos hospitais da APM e CRM (do qual participa). Já existem frutos do trabalho desenvolvido desde 1991, mas o horizonte para a maturação plena desta iniciativa é de cinco anos.

O que não impediu o Hospital do Sepaco de conseguir desde já a certificação de que mantém um elevado padrão de qualidade.

A comparação com os hospitais públicos que foi feita durante a greve do setor de saúde, em maio último, pode ter sido até lisonjeira para o Hospital do Sepaco, mas, na opinião de Haino, não fez justiça à outra parte: "A imagem calamitosa da saúde pública que está sendo passada à população não corresponde à realidade. Existe muita gente boa trabalhando duro em vários lugares e que pode ficar desestimulada por essa desaprovação genérica".

Para Haino, a saúde pública enfrenta problemas no Brasil como em praticamente todo o mundo, inclusive os EUA, onde há 30 milhões de pessoas desassistidas (nem pobres o suficiente para receberem assistência do governo, nem com renda que lhes possibilite aderir a um programa privado).

O atendimento, entretanto, não é tão crítico no Brasil como se propala e o trabalho preventivo "tem sido muito bem feito, tanto que a mortalidade infantil vem diminuindo e a cólera foi contida na região Norte, não atingindo o restante do País, salvo casos esporádicos". O verdadeiro desafio na sua visão, não está na área médica, massim na falta de saneamento básico e de nutrição adequada.

O que não exclui a existência de alguns problemas na rede pública. Mas a falta de verbas não é o principal, como se imagina. A sobre-carga de instituições como o Hospital das Clínicas e a Santa Casa, por exemplo, tem mais a ver com a prática usual de prefeituras de várias localidades paulistas que "não montam setores de saúde próprios, apenas compram uma ambulância e despacham seus pacientes para os grandes centros". E as verbas existentes às vezes atenderiam bem às necessidades reais, mas são mal aproveitadas por superintendentes e diretores que "conquistam o cargo por serem luminas da profissão, porém jamais estudaram administração nem estão dispostos a dedicar tempo integral às tarefas de gestão, preferindo passar boa parte do dia a fazer o que sabem bem, ou seja, operar".

SETOR QUER COMÉRCIO LIVRE

No 1º Congresso Florestal Panamericano e 7º Congresso Florestal Brasileiro, as críticas a pressões e restrições que acobertam intuitos protecionistas e a tentativa de impedir que o País aproveite suas vantagens comparativas foram uma tônica.

“**P**ara aproveitar nossas inegáveis vantagens comparativas, precisamos lutar nos fóruns internacionais por um comércio cada vez mais livre, sem barreiras de qualquer espécie”, afirmou o presidente da Sociedade Brasileira de Silvicultura, Jorge Boratto, no encerramento dos 1º Congresso Florestal Panamericano e 7º Congresso Florestal Brasileiro, que se realizaram de 19 a 23 de setembro, em Curitiba.

Boratto constatou que o Brasil continua detentor de “um imenso potencial de riquezas” ainda inexploradas e criticou tanto os que pretendem manter a Amazônia como um intocável santuário ecológico, quanto as restrições opostas pela Comunidade Européia aos produtos brasileiros de base florestal.

No primeiro caso, assinalou que a “denúncia fácil, carregada de tintas alarmantes, encontra eco em grande parte da mídia irresponsável, que multiplica o emocionalismo dos movimentos ecológicos”. E, sobre o selo verde da CE, o presidente da SBS indagou: “Que justificativas encontram os que querem barrar produtos provenientes de florestas manejadas dentro do princípio de sustentabilidade, exatamente as florestas que reciclam com rapidez o carbono presente na atmosfera?”

Finalmente, referindo-se ao congresso panamericano, destacou “o espírito desarmado da colaboração mútua entre os países



Andrade Vieira: exportações modestas.

do Continente para melhor proveito do grande potencial florestal regional”, lembrando que, do Canadá ao extremo sul das Américas, se concentram 43% da produção mundial de chapas de madeira e de celulose.

Já o ministro da Indústria, do Comércio e do Turismo, José Eduardo de Andrade Vieira, considerou as exportações brasileiras de produtos de base florestal, da ordem de US\$ 2 bilhões anuais, “muito modestas diante das potencialidades do País”, já que o Canadá, por exemplo, exporta cerca de US\$ 20 bilhões/ano. Assim, metaforicamente, enfatizou que “é preciso transformar nossas florestas em alimentos para matar a fome de 32 milhões de brasileiros imersos na miséria e na violência”.

Ele reconheceu não ter o governo federal promovido, até agora, qualquer política

“clara e racional” para o bom aproveitamento das florestas plantadas e convocou o setor a dar sua contribuição no “desenho” de tal política.

PÚBLICO RECORDE

Os dois congressos reuniram cerca de 1.500 participantes do Brasil e das Américas, estabelecendo, segundo Boratto, “um recorde absoluto de público”

Na declaração final, ressaltou-se que “a formulação de novas políticas florestais, adequadas às modernas tendências de sustentabilidade, devem considerar, em mesmo grau de importância, todas as diferenças regionais, sociais e econômicas envolvidas”. Assim, se de um lado a macropolítica florestal panamericana já tem início de harmonização de ações no âmbito do Mercosul, de outro se recomenda “o pleno entendimento” das seis nações que compartilham a Amazônia, as únicas a quem cabe decidir o futuro da região.

E a iniciativa da SBS, de formalizar a criação do Sistema Nacional de Certificação de Origem da Matéria-Prima Florestal (Cerflor), foi apoiada pelos participantes de ambos os Congressos, com a recomendação de que “a abrangência e a representação política do Cerflor sejam estendidas ao conjunto do universo florestal brasileiro, compatibilizando-se com as iniciativas internacionais de certificação”

MOÇÕES

Quatro Moções foram apresentadas e aprovadas na sessão de encerramento do 1º Congresso Florestal Panamericano e do 7º Congresso Florestal Brasileiro:

MOÇÃO 1 - Recomenda-se a criação, nas esferas pertinentes do governo federal, de um Conselho Técnico Florestal composto por florestais e silvicultores e destinado a detectar tendências e propor mecanismos operacionais, volta-

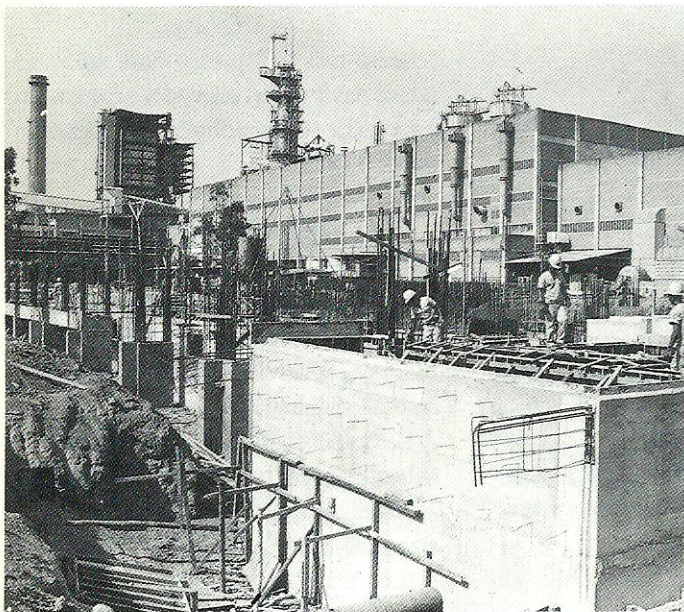
dos de preferência para a reposição florestal de terras degradadas e para a conservação das florestas em locais de escassa cobertura.

MOÇÃO 2 - Considerando a ausência de uma política florestal, atualizada e consistente, recomenda-se que o Ministro do Meio Ambiente, com base no Código Florestal (Lei número 4775 de 1965), implemente o Conselho Federal de Florestas, visando estabelecer um fórum permanente e representativo de convergências e de discussões dos problemas florestais brasileiros.

MOÇÃO 3 - A delegação platina, em nome do Governo argentino, propõe que o 2º Congresso Florestal Panamericano, seja realizado na Argentina, na cidade de Buenos Aires, em setembro de 1995.

MOÇÃO 4 - Os participantes do 7º Congresso Florestal Brasileiro, aceitam e concordam com as opções representadas por Brasília ou Salvador, a serem definidas posteriormente, para sediar o 8º Congresso Florestal Brasileiro, a realizar-se em 1996.

EXPANSÃO DA CENIBRA



A Celulose Nipo-Brasileira (Cenibra), que comemora em 1993 os 20 anos de sua fundação, está investindo US\$ 800 milhões na expansão de sua unidade industrial, situada no município mineiro de Belo Oriente, no Vale do Aço. O projeto representa o maior investimento individual do setor produtivo no País, atualmente.

A capacidade de produção da

Cenibra será duplicada, passando para 700 mil toneladas/ano, com a instalação de uma nova unidade ao lado da que já opera desde 1977. Com a expansão, a Cenibra passará à segunda colocação no ranking mundial de celulose branqueada de eucalipto. O projeto vai ser concluído em dezembro de 1995, levando à geração de mais de 1,2 mil empregos diretos.

ERRATA

A Beloit Industrial informa que sua máquina de papel totalmente informatizada, que é a "estrela" da unidade fabril da Papel e Celulose Catarinense em Correia Pinto (SC), tem tecnologia norte-americana e não alemã, como constou erroneamente da matéria "Produção e Qualidade, Armas Contra a Crise", publicada na edição 42 de C&P.

PRESIDENTE DA EKA NOBEL



Valentin I. Suchek (foto), que dava consultoria para indústrias de base florestal e de celulose/papel na Jaakko Poyry Engenharia, acaba de assumir a presidência da Alby Eletroquímica, cuja razão social está sendo ajustada para Eka Nobel do Brasil S/A, seguindo o nome do grupo controlador (Eka Nobel da Suécia). A Eka Nobel, sediada em Jundiá (SP), produz clorato de sódio, utilizado no alveamento de celulose livre de cloro, a chamada celulose ECF. Além da implantação imediata de uma nova fábrica de clorato em Jundiá, com capacidade adicional de 25 mil t/ano, Suchek assumiu o desafio de desenvolver novas linhas de negócios para a Ena Nobel no Brasil.

26º CONGRESSO DA ABTCP ENFOCARÁ AUMENTO DA COMPETITIVIDADE NO PAÍS

Com o intuito de reunir os profissionais do setor de celulose e papel, a fim de que esses mantenham um intercâmbio de informações técnicas e possam apresentar as inovações tecnológicas nos processos de obtenção de celulose e fabricação de papel, a ABTCP realizará, de 22 a 26 de novembro, no Palácio das Convenções do Anhembi, o 26º Congresso Anual de Celulose e Papel.

As mudanças que estão acontecendo no País, como a redução das tarifas de importação, intensificando a concorrência, exigem a modernização industrial e o aumento da qualidade e da produtividade. Trabalhos téc-

nicos serão apresentados nesse sentido, além de mesas-redondas que abordarão desde a qualidade e produtividade no acabamento e conversão do papel, até as interfaces medicina e segurança do trabalho.

Paralelamente ao 26º Congresso, a ABTCP promoverá o 8º Congresso Brasileiro da Qualidade e a 26ª Exposição Industrial. A abertura oficial do Congresso será no dia 22 de novembro, às 19h30, no Auditório Elis Regina. A solenidade contará com a presença de José Eduardo de Andrade Vieira, Ministro da Indústria e Comércio. Outras informações: tel. (011) 572-9182, com Cristiane Pinheiro.

REFEIÇÕES INDUSTRIAIS



A Sodexho do Brasil, empresa que atua no segmento de alimentação coletiva, está comemorando os bons resultados da parceria estabelecida com a Pisa Papel de Imprensa, de Jaguariava, e com a comunidade dessa cidade localizada a 100 km de Ponta Grossa (PR).

“Fornecemos 2000 refeições/dia para os funcionários da unidade industrial da Pisa e transportamos refeições para os funcionários que ficam na floresta, muitas vezes a quase 100 km de distância da fábrica. Além disso,

atendemos os caminhoneiros que fazem o transporte do papel”, explica Plínio de Oliveira, diretor da Sodexho do Brasil.

“A Pisa é a maior empresa da região e essa integração perfeita empresa-comunidade engloba inclusive a participação de fornecedores locais, às vezes os próprios produtores. O próximo passo em desenvolvimento é a atuação junto às escolas da região, para o estabelecimento de um programa de educação alimentar”, completa Plínio.

EXPORTAÇÕES DA RIPASA



“Entramos com mais força no mercado europeu, vendendo papéis cut size destinados a escritório, xerografia e laser”, afirmou o diretor de Relações com o Mercado da Ripasa, Osmar Elias Zogbi, ao apresentar na Abamec os resultados financeiros da empresa. Zogbi explicou que, ao destinar ao exterior produtos com maior valor agregado, a Ripasa modificou sua política de exportações, que antes era mais concentrada em *commodities*. A empresa está

exportando 50% de sua produção.

Segundo ele, a produção líquida total do grupo atingiu, no primeiro semestre deste ano, 303,5 mil toneladas, volume 8,9% superior ao do mesmo período de 1992. Com isto, voltou a ter saldo positivo, graças ao esforço realizado para aumento das vendas e redução de custos (administrativos e de bens e serviços vendidos). A receita operacional líquida cresceu 8,8%, para US\$ 90 milhões.

SETOR HOMENAGEIA JAMIL COM UM JANTAR

As entidades do setor de celulose e papel uniram-se para homenagear o empresário Jamil Nicolau Aun. Ao concorrido jantar, realizado nos salões do Club Athletico Paulistano, estiveram presentes as mais expressivas lideranças do setor, inclusive líderes sindicalistas, abraçando aquele que durante anos presidiu o Sindicato da Indústria do Papel, Celulose e Pasta de Madeira para Papel no Estado de São Paulo. Coube a Horácio

Cherkassky, em nome da categoria, prestar a homenagem a Jamil Aun, recordando sua larga contribuição ao desenvolvimento setorial e, sobretudo, sua dedicação ao Sepaco.

Jamil Nicolau Aun agradeceu emocionado e recebeu, ao final, um pergaminho assinado por Dante Emílio Ramenzoni, presidente do Sindicato; Horácio Cherkassky, presidente da Associação Nacional; Raul Calfat, presidente da Associação Pau-

lista; Alberto Fabiano Pires, presidente da Associação Nacional dos Homens de Vendas em Celulose, Papel e Derivados; e Ricardo Tobera, presidente da Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel. O documento destaca a tenacidade, determinação e capacidade de negociação do homenageado, as marcas deixadas por seu trabalho empreendedor e suas conquistas, num conjunto louvável de realizações.



A PROPOSTA DE SP PARA A REVISÃO CONSTITUCIONAL: ORDEM ECONÔMICA

Miguel Reale(*)

Relativamente à ordem econômico-financeira, o que sobremaneira compromete a atual Constituição é a contradição radical que a desarticula, ao estabelecer, a um só tempo, de um lado, a mais ampla estatização da economia - em virtude dos excessivos monopólios criados, e de não menor número de casos expressamente previstos de dirigismo econômico - e, de outro lado, a proclamação que faz da livre economia de mercado, com a consagração, pela primeira vez numa Carta Magna, dos princípios da livre iniciativa e da livre concorrência.



**Miguel Reale, catedrático da Faculdade de Direito da USP, é o presidente da Comissão Paulista de Estudos Constitucionais, instituída pelo governador Luiz Antonio Fleury Filho para formular as propostas de São Paulo à revisão constitucional.*

Visando a instaurar-se efetivamente uma economia de mercado, no documento que a Comissão Paulista de Estudos Constitucionais preparou, destinado a oferecer aos representantes paulistas no Congresso Nacional subsídios para o reexame da Carta Magna de 1988, é revisto o monopólio da Petrobrás, à qual deverá caber, pelo menos por ora, tão somente a lavra de petróleo. É igualmente extinto o monopólio estatal na área de telecomunicações, com eliminação também da reserva de exploração de minérios e recursos hídricos apenas a brasileiros. Pela mesma razão, suprime-se a inexplicável criação de uma empresa brasileira de capital nacional, dotada de incompreensíveis privilégios, voltando-se à tradicional doutrina da empresa brasileira como sendo aquela que, constituída e sediada no Brasil segundo nossas leis, por brasileiros ou estrangeiros, corre os riscos e as vantagens da economia nacional na qual ela se integra. São eliminadas, em

suma, todas as xenófobas restrições hoje em dia imperantes, cujo resultado tem sido criar obstáculos à entrada do capital estrangeiro no País.

Note-se que, não obstante as limitações traçadas à interferência do Estado na economia, conservando-se parte melhor da atual Constituição nesse sentido, não deixamos de reconhecer o papel do Estado como agente econômico fiscalizador, sendo-lhe conferida até mesmo iniciativa empresarial de caráter supletivo e complementar, uma vez verificado o desinteresse do setor privado em campos essenciais ao nosso desenvolvimento ou à segurança nacional. Essa mesma linha de entendimento orientou-nos na revisão da política agrária, da política orçamentária e no que se refere ao sistema financeiro, com especial atenção dispensada ao Banco Central como autarquia dotada de plena independência para efetiva disciplina monetária.

Não podemos, finalmente, silenciar quanto à questão crucial da reforma fiscal, para a qual é oferecida a corajosa proposta de redução da carga tributária tão somente a quatro impostos que - embora arrecadados, respectivamente pela União (renda e importação-exportação) pelos Estados (ICMS) e pelos Municípios (impostos patrimoniais) - se destinam, em seu conjunto, à Federação na seguinte proporção: 40% para a União, 35% para os Estados e 25% para os Municípios. Desse modo serão alcançados dois objetivos: a racionalização e a simplificação do sistema tributário, e maior equilíbrio fiscal entre as três Unidades de nossa estrutura federativa, sobrecarregada como foi de novas atribuições, o que a leva, como já se viu, cogitar da implantação de novos engenhosos tributos...

ISO 9001. UMA ODISSÉIA PELA QUALIDADE.

A HUYCK BRASIL É O PRIMEIRO FABRICANTE DE FELTROS E TELAS INDUSTRIAIS A OBTER O CERTIFICADO DE SISTEMA DA QUALIDADE ISO 9001.

ISO É A INTERNATIONAL STANDARDS FOR ORGANIZATION, COM SEDE NA SUÍÇA, QUE ESTABELECE AS MAIS ELEVADAS NORMAS DE QUALIDADE EM TODO O MUNDO.

PARA MANTER ESSE NÍVEL, A HUYCK BRASIL PASSA POR UMA VERDADEIRA ODISSÉIA.

TODOS OS DIAS.

PORQUE É A CADA MOMENTO QUE A CULTURA DE QUALIDADE HUYCK VEM SENDO DESENVOLVIDA. COM UM ÚNICO OBJETIVO: A SATISFAÇÃO DE CLIENTES, ACIONISTAS, FUNCIONÁRIOS, FORNECEDORES E COMUNIDADE.

O CERTIFICADO ISO 9001 É UM IMPORTANTE MARCO NESSA JORNADA. ELE ASSEGURA AO MERCADO QUE, NA HUYCK BRASIL, TODO O PROCESSO INDUSTRIAL É CONDUZIDO NUM NÍVEL SUPERIOR DE QUALIDADE.

POR ISSO, OS PRODUTOS HUYCK BRASIL TÊM MOSTRADO UMA PERMANENTE EVOLUÇÃO. SEMPRE EM BUSCA DE MAIS ECONOMIA DE TEMPO, ÓTIMA RELAÇÃO CUSTO-BENEFÍCIO E UM MELHOR RESULTADO FINAL PARA NOSSOS CLIENTES.

HUYCK BRASIL.
O DOMÍNIO DA QUALIDADE.



Huyck Brasil

Se o seu problema é corrosão, você precisa de DERAKANE*.

Na hora de escolher uma resina para revestimento ou fabricação de equipamentos em plástico reforçado, sujeitos a alta corrosão, é muito importante a avaliação de suas características e benefícios.

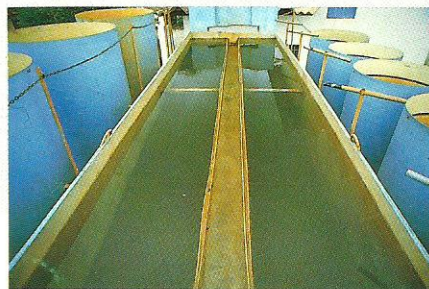
Fatores como resistência química e mecânica, durabilidade, versatilidade na transformação, tradição de qualidade, apoio técnico e certeza de fornecimento, são fundamentais.

Desenvolvidas com a tecnologia DOW, as resinas epóxi éster vinílicas DERAKANE* possuem qualidade mundialmente comprovada e desempenho superior.

Presente há 20 anos no mercado nacional e há mais de 25 no mercado externo, DERAKANE* vem garantindo continuamente eficiência e qualidade nas mais diversas aplicações, minimizando custos de manutenção e atendendo às necessidades específicas dos vários setores da indústria.

Na hora de escolher uma resina, pense no futuro de seus equipamentos e na tranquilidade que traz a tecnologia.

Use DERAKANE*.



Dow Plásticos

Tel.:(011)546-9375/546-9206

DERAKANE* **20**
AM07
TECNOLOGIA VENCENDO A CORROSÃO